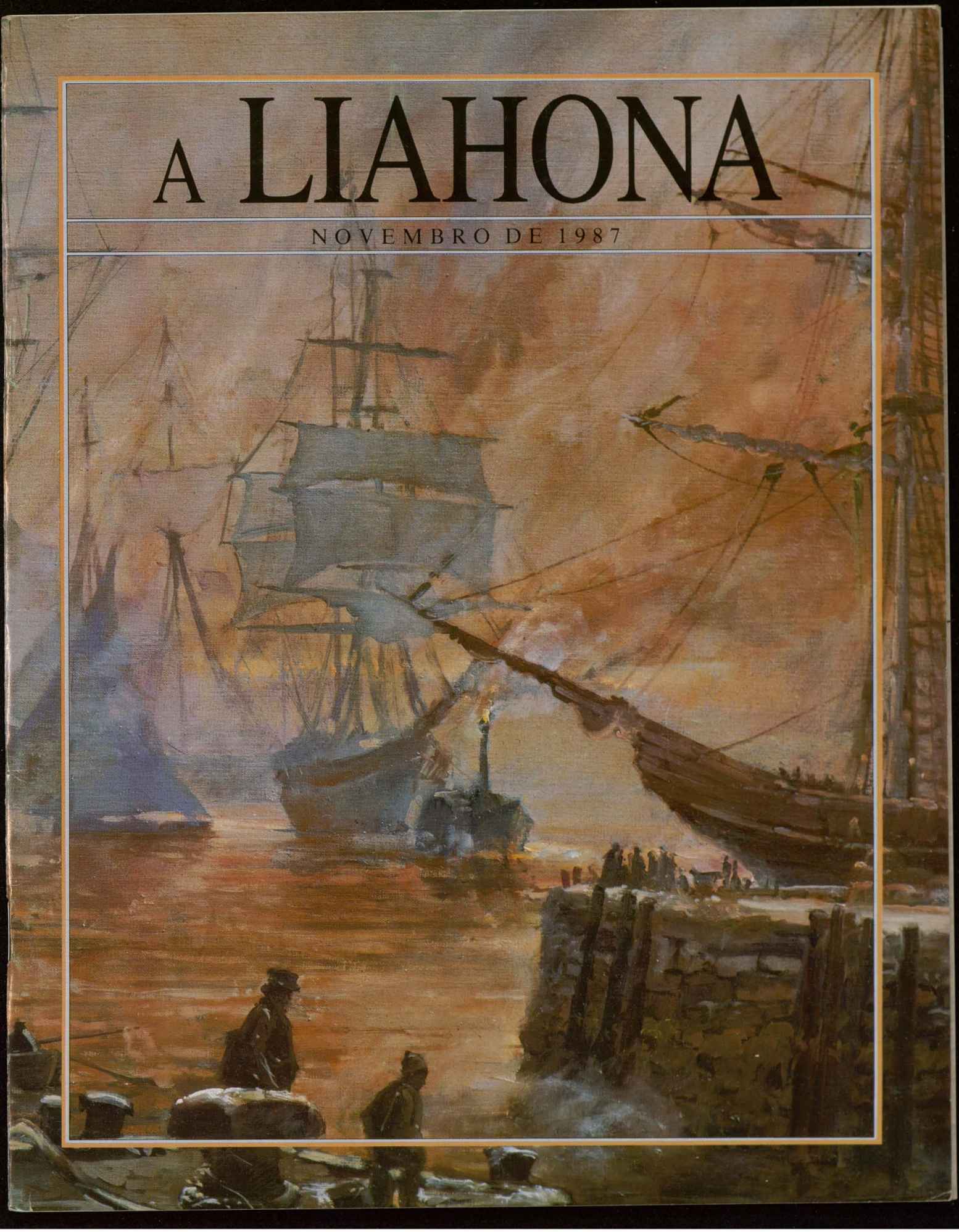
A LIAHONA

NOVEMBRO DE 1987



A LIAHONA

Novembro de 1987 Volume 40 nº 11
PBMA8711PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando matérias das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Marion G. Romney, Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin

Consultores: Hugh W. Pinnock, John H. Groberg, James M. Paramore

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja:
Ronald L. Knighton

International Magazines:
Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editores Associados:
David Mitchell

Seção Infantil: Diane Brinkman

Layout e desenhos: N. Kay Stevenson, Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen

Gerente de Marketing: Thomas L. Peterson

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Carleto

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais:
Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica:
Elias Nelson Munhoz Dias

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

Capa: Este ano é o 150º aniversário da obra missionária dos santos dos últimos dias nas Ilhas Britânicas. Milhares de conversos atravessaram o Oceano Atlântico para estabelecer o seu lar nos Estados Unidos e fortalecer a Igreja no princípio. Esta pintura de Ken Baxter, retrata alguns dos santos partindo de Liverpool, Inglaterra, em 1851. Ver artigos especiais sobre Grã-Bretanha neste número.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cz$ 120,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cz$ 10,00**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Rua Rocha, 288 - Fone: 289-7279 - Fotolitos e Impressão: Editora Gráfica M.N.J. Ltda. - Rua Capistrano de Abreu, 210 - Fone: 418-4072 - Jordanópolis - S.B.C. - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

ÍNDICE

2 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: UMA DECLARAÇÃO PARA O MUNDO
Presidente Gordon B. Hinckley

8 "UMA GRANDE OBRA REALIZADA NESSE PAÍS"

13 HISTÓRIAS DE CONVERSÕES NA INGLATERRA
Anne Perry

17 MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: BÊNÇÃOS E RESPONSABILIDADES

18 ÉLDER NEAL A. MAXWELL: BUSCANDO UM "CAMINHO MAIS EXCELENTE"
Bispo Henry B. Eyring

24 ALGUMAS IDÉIAS SOBRE O CASAMENTO
Élder Theodore M. Burton

28 CARLOS D'ANGELO: "SEI QUE SE TENTAR, SEREI ABENÇOADO"
Hector H. Peruzzotti

32 ALGUNS CONSELHOS PARA OS CASADOS SOBRE SUA CONSIDERAÇÃO PARA COM OS SOLTEIROS
Kathleen Lubeck

36 PERGUNTAS E RESPOSTAS
Jess L. Christensen

38 PERCEPÇÕES

39 FELICIDADE AO LONGO DO CAMINHO
Mildred Barthel

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

42 GUIA-ME PARA ONDE VAIS
Wayne Lynn

44 UMA OBRA MARAVILHOSA
Chris Crowe

47 "ESCOLHEI HOJE"
Barbara Jacob

48 AGÜENTAI
Janene Wolsey Baadsgaard

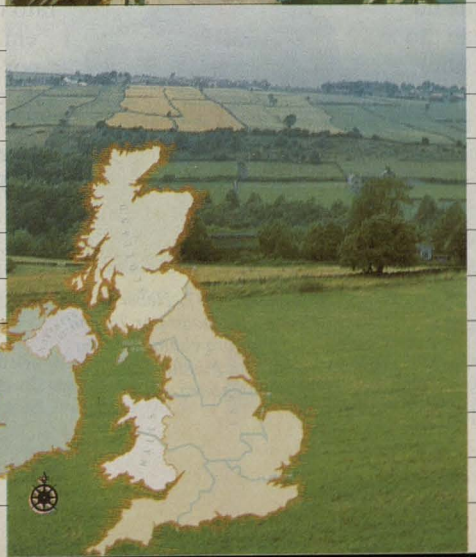
SEÇÃO INFANTIL

2 DE UM AMIGO PARA OUTRO
ÉLDER CHARLES DIDIER
Richard M. Romney

4 DIRK E A BOLA DE FUTEBOL
Leo D. Hall

6 A CORAJOSA RAINHA ESTER
Jane McBride Choate

8 LIGUE OS PONTOS
Roberta L. Fairall



UMA DECLARAÇÃO PARA O MUNDO

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

No início deste ano, realizaram-se cinco grandes conferências nas Ilhas Britânicas, com membros da Primeira Presidência, do Conselho dos Doze e do Primeiro Quorum dos Setenta, participando juntamente com os santos dos últimos dias do Reino Unido. Essas conferências foram o ponto alto de uma série de eventos em comemoração aos cento e cinqüenta anos da Igreja nas Ilhas Britânicas.

A abertura da Missão Britânica há cento e cinqüenta anos atrás foi uma declaração ao mundo:

1. Declaração de uma grande visão do milênio.
2. Declaração de uma fé extraordinária.
3. Declaração de verdade eterna.

No meridiano dos tempos, o Senhor ressuscitado ordenou aos seus discípulos bem-amados, antes de ascender aos céus: "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura." (Marcos 16:15.)

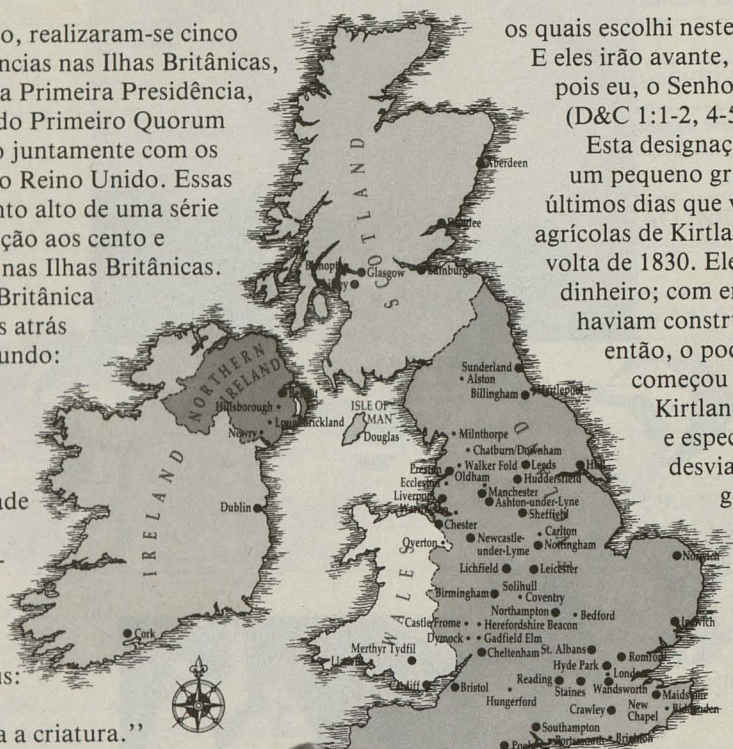
Foi uma tremenda responsabilidade, delegada a um pequeno grupo de homens que não tinham meios nem posição diante do mundo para executar uma designação tão abrangente! Eles deram a vida, fazendo tudo que lhes era possível.

Nestes últimos dias, o Senhor disse: "Escutai, ó povo de terras longínquas, e vós que habitais as ilhas do mar, escutai juntamente.

Pois, na verdade, a voz do Senhor se dirige a todos os homens, e ninguém há de escapar, e não há olho que não verá, nem ouvido que não ouvirá, nem coração que não será penetrado...

E a voz de advertência irá a todos os povos pela boca de meus discípulos, os quais escolhi nestes últimos dias.

E eles irão avante, e ninguém os impedirá, pois eu, o Senhor, os mandei." (D&C 1:1-2, 4-5.)



Em junho de 1837, Heber C. Kimball foi informado por Joseph Smith de que fora chamado para iniciar a obra missionária na Inglaterra.

Esta designação do milênio foi feita a um pequeno grupo de santos dos últimos dias que viviam em comunidades agrícolas de Kirtland e arredores, por volta de 1830. Eles tinham muito pouco dinheiro; com enorme sacrifício haviam construído um templo. E então, o poder do adversário começou a manifestar-se em Kirtland, pelo espírito de cobiça e especulação irresponsável, desviando a mente de muita gente das coisas de Deus para as coisas do mundo. Pessoas voltaram-se contra o Profeta Joseph Smith; a Igreja ficou abalada, e houve uma grande separação entre os fiéis e aqueles cujos olhos estavam voltados para as coisas do mundo.

O problema agravou-se ainda mais pelo fato de que parte dos membros estavam em Ohio e outros em Missouri, separados por mil e duzentos quilômetros, e, de um modo geral, sem comunicação.

Foi durante essa época difícil, num domingo, dia 4 de junho de 1837, que o Profeta Joseph Smith procurou o Élder Heber C. Kimball, do Quorum dos Doze, encontrando-o "sentado em frente à tribuna, acima da mesa do sacramento, no lado de Melquisedeque do templo, em Kirtland, e sussurrou-lhe: — Irmão Heber, o Espírito do Senhor me sussurrou: "Que o meu servo Heber

vá à Inglaterra e proclame o meu evangelho, abrindo a porta da salvação para esse país.'" (*History of the Church*, 2:490.)

Imaginai, se possível, um homem de tão poucos recursos materiais, dizendo a outro que não tinha praticamente nada, tendo acabado de retornar de uma missão, que deveria iniciar o trabalho no além-mar. Não havia coisas suficientes a fazer em casa? Pessoas menos fiéis poderiam perguntar. Eles estavam na fronteira da nação, e o número total de membros da Igreja provavelmente não passava de mil e quinhentas pessoas.

Mas havia uma visão no coração desses homens. A visão do milênio de que o evangelho devia ser pregado a todas as nações antes que viesse o fim. Algum trabalho fora feito no Canadá, mas agora estavam falando em atravessar o oceano até às Ilhas Britânicas.

O chamado do Élder Heber C. Kimball e seus companheiros para cruzar o oceano até a Inglaterra, era uma declaração do Profeta Joseph sobre o grande destino desta obra restaurada. A partir daí essa visão jamais teve seu brilho diminuído. Nos anos que se seguiram, apesar de toda força exercida pelo adversário, a obra cresceu e se expandiu até hoje, quando temos cento e noventa e duas missões e estamos ensinando o evangelho em setenta e cinco nações estrangeiras e dezoito territórios, colônias e possessões.

Apesar do muito que se fez, o fim ainda não chegou. Ainda não fizemos praticamente nada em muitas áreas do mundo, mas, à medida que as portas das nações se abrirem, mensageiros da verdade avançarão no cumprimento dessa grande visão do milênio revelada nos sombrios dias de Ohio e Missouri, com o chamado de sete homens para irem às Ilhas Britânicas.

Ansioso de iniciar a obra missionária na Inglaterra, Heber C. Kimball não pôde esperar o navio atracar, pulando antes em terra firme.

A mensagem do evangelho restaurado trouxe milhares de conversos ingleses para a Igreja. Muitos emigraram para os Estados Unidos, partindo de Liverpool, Inglaterra, conforme pintado neste quadro de Ken Baxter.

Ilustração de Gary Kapp

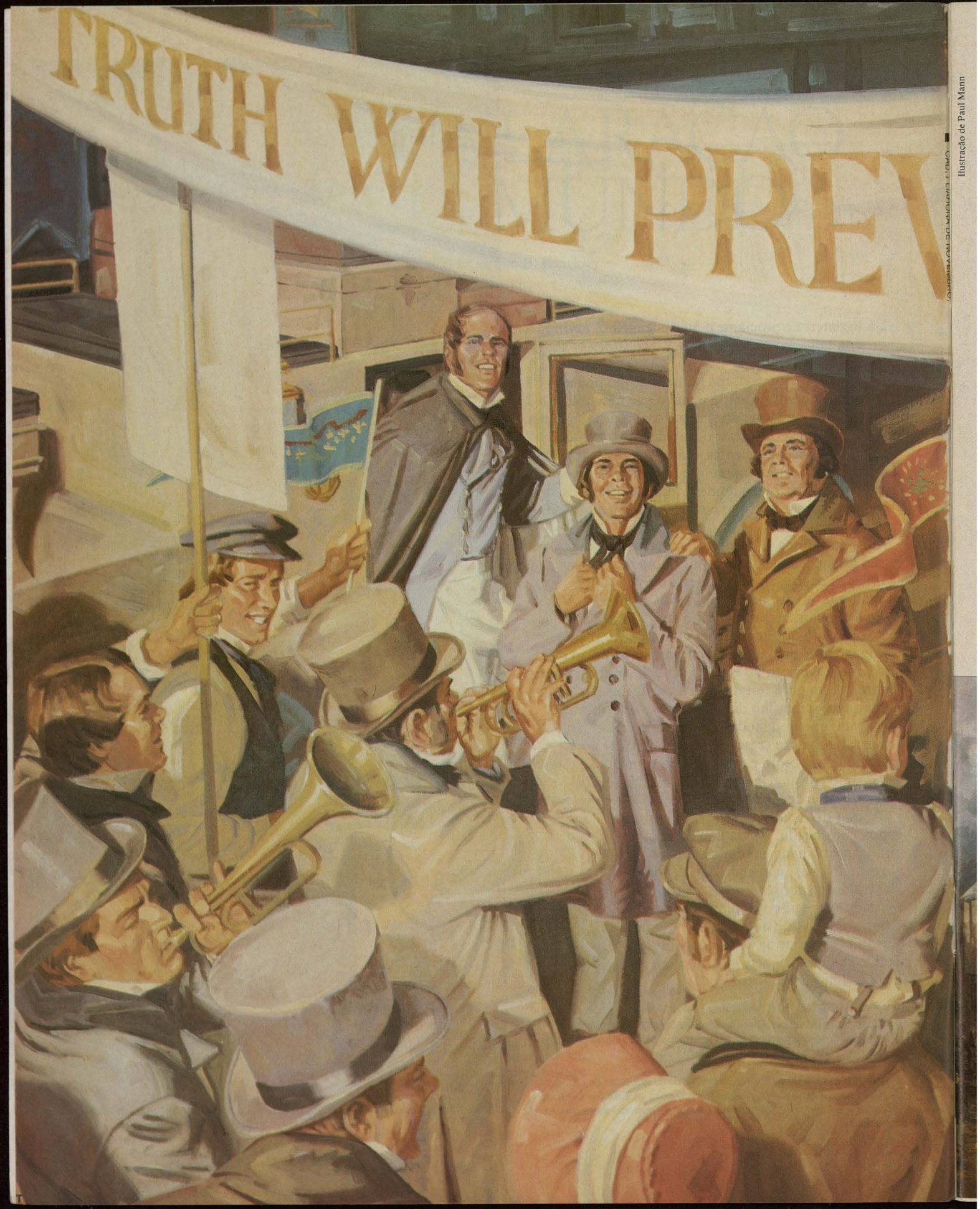


Ilustração de Paul Mann

Quando Heber C. Kimball e seus companheiros de missão chegaram na cidade inglesa, em Preston, avistaram um estandarte que proclamava: "A Verdade Prevalecerá". Eles adotaram o slogan como lema para sua missão.

Ilustração de Paul Mann

Sua resposta a esse chamado foi uma magnífica declaração de fé. Disse o Irmão Kimball, na ocasião: "A idéia de tal missão era quase mais do que eu podia suportar. Estive prestes a desfalecer sob o fardo colocado sobre meus ombros.

Contudo, todas essas considerações não me afastaram da senda do dever; no momento em que compreendi a vontade de meu Pai Celestial, senti a determinação de ir, apesar de qualquer risco, crendo que ele me apoiaria por seu poder ilimitado, e me concederia todas as qualificações de que eu necessitasse; e embora minha família me fosse muito querida, e eu tivesse que deixá-los quase à mingua, senti que a causa da verdade, o Evangelho de Cristo, superava qualquer outra consideração." (Em Orson F. Whitney, *Life of Heber C. Kimball*, Salt Lake City: Bookcraft, 1945, p. 104; também em *A Liahona*, novembro de 1972, p. 14.)

Pintura de Richard Murray

PRESTON

Orson Hyde, Willard Richards e Joseph Fielding responderam com fé semelhante, e a estes quatro homens uniram-se em Nova York John Goodson, Isaac Russell e John Snyder.

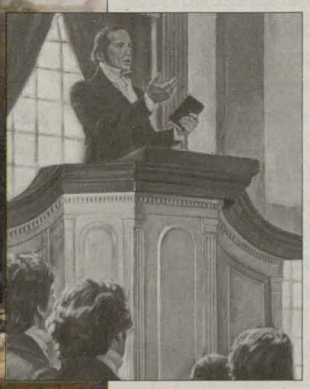
Terça-feira, 13 de junho, era a data de partida prevista dos quatro que deveriam sair de Kirtland. Uma pessoa que esteve na casa da família Kimball naquela manhã, descreveu a oração pronunciada pelo pai que ia partir e que, "como os patriarcas, e em virtude de seu ofício, impôs suas mãos sobre" a cabeça de seus filhos "individualmente, deixando com eles uma bênção paterna, e recomendando-os aos cuidados e proteção de Deus, enquanto estivesse ocupado pregando o evangelho numa terra estrangeira. Enquanto fazia isso, mal se ouvia sua voz entre os soluços dos que o cercavam, e que em vão tentavam evitá-los... Suas emoções eram fortes, e ele foi obrigado a parar, de tempos em tempos, enquanto grossas lágrimas lhe desciam pelo rosto." (Whitney, *Life of Heber C. Kimball*, pp. 108-109.)

Fé e coragem era tudo que eles tinham. Não tinham dinheiro algum. Um dos irmãos deu a Heber um casaco para se agasalhar. Uma das mulheres lhe deu cinco dólares, com os quais pagou sua passagem e a de Orson Hyde para Buffalo.

No caminho passaram por Massachusetts e pegaram quarenta dólares com um irmão de Willard Richards.

Encontraram-se com seus companheiros em Nova York e, no domingo, 25 de junho, jejuaram, oraram, administraram o sacramento e suplicaram ao Senhor

Praça da cidade de Preston era o lugar de reuniões ao ar livre, dirigidas pelas Autoridades.



Muitos conversos, fruto das pregações dos missionários santos dos últimos dias na Capela de Vauxhall, em Preston.

Ilustração de Robert T. Barrett

Após servir na cidade de Preston, Heber C. Kimball recebeu o convite para falar na comunidade próxima de Chatburn. Um grande galpão servia como lugar de reunião, e o Élder Kimball estava cercado pelas pessoas que alegremente recebiam a mensagem do evangelho.

Ilustração de Roberto T. Barrett

CHATBURN

que os orientasse. De alguma forma, haviam conseguido dezoito dólares cada um, para a passagem até Liverpool. A 1º de julho, às 10 horas da manhã, começaram sua travessia do oceano.

Que declaração de fé, e que declaração de coragem! Coragem carregada de entusiasmo. Depois de dezoito dias e dezoito horas no mar, o navio ancorou no Rio Mersey, ao lado do cais de Liverpool. Em Liverpool sentiram os sussurros do Espírito dirigindo-os para Preston, localidade cinqüenta quilômetros mais ao norte. Lá encontraram uma cidade alvoroçada, devido às eleições de membros para o Parlamento.

Ao subirem a Rua Fishergate, em Preston, desfraldou-se diante deles um estandarte com as palavras: "A Verdade Prevalecerá", que adotaram como lema de sua missão.

O trabalho deles tornou-se imediatamente uma declaração de verdade eterna. Pregaram primeiramente na Capela Vauxhall, cujo ministro era irmão de Joseph Fielding, do seu próprio grupo. Essa pregação e outras que se seguiram, resultaram no batismo de onze almas, no rio Ribble, no domingo seguinte.

A partir desse dia de julho de 1837, sua mensagem da verdade tem sido repetida por milhares de missionários que os seguiram, tocando o coração de centenas de milhares de pessoas que aceitaram o evangelho nas Ilhas Britânicas.

Eu sou um dos missionários que os seguiram. Sinto-me especialmente feliz por ter sido enviado a Preston em minha primeira designação. Não só trabalhei ali, como também nas cidades vizinhas, onde aqueles primeiros missionários pregaram o evangelho. Não fui tão eficiente quanto eles. Quando lá chegaram, evidentemente havia pouco ou nenhum preconceito contra eles. Quando eu cheguei, pareceu-me que todo mundo tinha preconceito contra nós.

Eu não estava bem quando cheguei. Naquelas primeiras semanas fiquei desanimado por causa de problemas de saúde e da oposição que senti. Escrevi para meu bom pai dizendo-lhe que achava estar desperdiçando meu tempo e seu dinheiro. Ele era meu pai e meu presidente de estaca, um homem sábio e inspirado. Escreveu-me uma carta muito curta, na qual dizia: "Querido Gordon, recebi sua última carta. Tenho apenas uma sugestão: Esqueça-se de si mesmo e mãos a obra." Naquela manhã, em nosso estudo das escrituras, meu companheiro e eu havíamos lido estas palavras do Senhor: "Porque qualquer que quiser salvar a sua vida perdê-la-á; mas, qualquer que perder a sua vida por amor de mim e do evangelho, esse a salvará." (Marcos 8:35.)

Essas palavras do Mestre, seguidas do conselho de meu pai, calaram fundo em minha alma. Com a carta de meu pai nas mãos, fui para nosso quarto, na casa da Rua Wadham 15, e ajoelhando-me, fiz uma promessa ao Senhor. Prometi-lhe, como em convênio, que procuraria esquecer-me de mim mesmo e perder-me em seu serviço.

Aquele dia de julho de 1933 foi o meu dia de decisão. Uma nova luz iluminou minha vida e uma nova alegria em meu coração. Tive uma experiência rica e maravilhosa na missão, pela qual serei eternamente grato.

Sou grato pelos eventos de 1837, pelo chamado do Profeta Joseph Smith àqueles primeiros missionários, para que fossem à Inglaterra com a declaração de uma visão do milênio, uma declaração de fé extraordinária, uma declaração de coragem pessoal, uma declaração de verdade eterna.

Sou profundamente grato porque, enquanto trabalhava no solo que eles santificaram com seus esforços, meu coração encheu-se de um profundo amor por esta obra de Deus e por seu Filho Amado, o

Ao propagar a palavra de seu ministério, Heber C. Kimball e seu companheiro, Joseph Fielding eram recebidos calorosamente por muitos que estavam ávidos por ouvir a mensagem do evangelho. Certa ocasião, tantas pessoas foram cumprimentar os missionário que "mal conseguiam apertar as mãos".

Redentor do mundo, em cujo nome nós todos servimos como membros de sua Igreja. Graças a Deus pelo glorioso evangelho de seu amado Filho, restaurado à terra nesta dispensação da plenitude dos tempos.

Graças a Deus pelo Profeta Joseph Smith, através de quem veio a restauração, e pela revelação dada e recebida apenas sete anos após a fundação da Igreja, de levar o evangelho às Ilhas Britânicas.

Graças a Deus pela fé daqueles que, sem bolsa nem alforge, atravessaram o oceano e iniciaram a obra que prossegue sem interrupção há já um século e meio. De lá a obra expandiu-se para a Europa e, agora, para grande parte do mundo.

A infusão de sangue britânico no corpo enfraquecido da Igreja em 1837, e nos anos seguintes, forneceu a força necessária na época. Dessas ilhas vieram milhares de conversos, muitos dotados de grandes aptidões que se tornaram úteis na construção de Nauvoo e, mais tarde, na de comunidades dos vales do Oeste. Sempre que contemplo o magnífico Templo de Lago Salgado e o Tabernáculo, assim como várias outras estruturas da Igreja, maravilho-me diante da obra realizada. Centenas morreram na jornada para os vales das montanhas. Mas eles e os que sobreviveram para colonizá-los, deixaram um resíduo de fé a altura da demonstrada pelo pequeno grupo que, em 1837, começou a pregar o evangelho na Inglaterra.

Lembremo-nos sempre de que cada um de nós tem o privilégio e oportunidade, através de sua maneira de viver, de fazer sua própria declaração de fé, coragem e verdade, ajudando a executar a grande missão pré-milenial desta Igreja, e todos os seus membros, de levar o evangelho ao mundo inteiro. Que possamos perder-nos, cheios de felicidade, nesta grande obra do Senhor. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Talvez queira ressaltá-los em sua mensagem de mestre familiar:

1. O Senhor desafiou seus seguidores a levarem o evangelho a todo o mundo. Seus primeiros discípulos deram a vida por esta causa, assim como os primeiros membros da Igreja nesta dispensação.

2. O evangelho foi levado primeiramente às Ilhas Britânicas, cento e cinqüenta anos atrás, apenas sete anos após a fundação da Igreja.

Sugestões para o Debate

1. Como podemos continuar, hoje, a difundir o evangelho por toda a terra? Que possíveis sacrifícios teremos de fazer?

2. Às vezes, as tarefas que o Senhor nos pede para executar parecem-nos assoberbantes. Como podemos conseguir a fé necessária para cumprir as ordens do Senhor?

3. Quando o jovem Gordon B. Hinckley sentiu-se desanimado durante as primeiras semanas de sua missão na Inglaterra, o pai aconselhou-o a "esquecer-se de si mesmo e pôr mãos a obra". Como este conselho nos ajuda quando nos sentimos desanimados com nosso progresso?

Ilustração de Paul Mann

"UMA GRANDE OBRA REALIZADA NESSE PAÍS"

DESTAQUES DOS PRIMEIROS TEMPOS DE MISSÃO NA GRÃ-BRETANHA

Desde a organização do Quorum dos Doze Apóstolos em 1835, seus membros sabiam de sua responsabilidade de levar o evangelho a outros povos. Os apóstolos pensavam em termos de uma missão do quorum, mas com a perseguição aos santos em Kirtland, Ohio, parecia que não poderiam prescindir de nenhum de seus membros.

Em junho de 1837, porém, o Senhor revelou ao Profeta que "para a salvação da Igreja" era necessário expandir a obra pregando no exterior. Heber C. Kimball, um dos apóstolos, foi chamado a dirigir uma missão na Inglaterra.

No dia 13 de junho ele partia de Kirtland acompanhado por Orson Hyde, Joseph Fielding (natural da Inglaterra) e Willard Richards. Chegando a Nova York, juntaram-se a eles três santos canadenses: Isaac Russell, John Goodson e John Snyder. Estes sete missionários aportaram em Liverpool, Inglaterra, a 20 de julho de 1837.

De Liverpool seguiram para Preston, mais ao norte, onde viviam parentes de Joseph Fielding e as orações confirmavam que ali deviam começar a obra. Eles lá chegaram por ocasião das eleições parlamentares, sendo saudados por bandeiras partidárias desfraldadas, uma das quais dizia: "A Verdade Prevalecerá." Os missionários o encararam como um sinal promissor dos céus.

A grande obra iniciada por esses primeiros missionários SUD e todos os que os seguiram, incluindo John Taylor, Orson Pratt, Brigham Young e, mais recentemente Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Marvin J. Ashton, David B. Haight e M. Russell Ballard, testifica que a verdade *realmente* prevaleceu.

Numa histórica reunião em Preston, em abril de 1840, Willard Richards foi ordenado membro dos Doze, elevando para oito o número de apóstolos servindo na Grã-Bretanha; e Brigham Young, membro mais antigo do quorum, foi oficialmente apoiado e designado seu presidente.

Willard Richards foi ordenado apóstolo na Inglaterra, elevando para oito o número de apóstolos que ali serviam.

LIVERPOOL

Foi preciso lembrar o Élder John Taylor que as crianças deviam ser convidadas a batizar-se, como seus pais.

MISSÃO JOHN TAYLOR: 1840

John Taylor partiu para a Inglaterra, sua terra natal, acompanhado por Wilford Woodruff e John Turley. Lá chegando, dirigiu-se imediatamente à casa de, George Cannon, irmão de sua esposa.

George não estava em casa, mas Ann, sua mulher, e os cinco filhos deram as boas-vindas ao visitante dos Estados Unidos. Quando o Élder Taylor se despediu, prometendo voltar, Ann Cannon disse ao filho mais velho: "Ali vai um homem de Deus que veio trazer salvação à casa de teu pai."

E de fato o fez. George e Ann se batizaram um mês após a chegada do Élder Taylor. Depois de ler duas vezes o Livro de Mórmon, George afirmou que "nenhum homem iníquo poderia escrever um livro como este; e nenhum homem escreveria se não fosse verdadeiro e Deus lho tivesse ordenado".

Quatro dos filhos do casal já tinham idade para batizar-se, mas aparentemente não ocorreu ao Élder

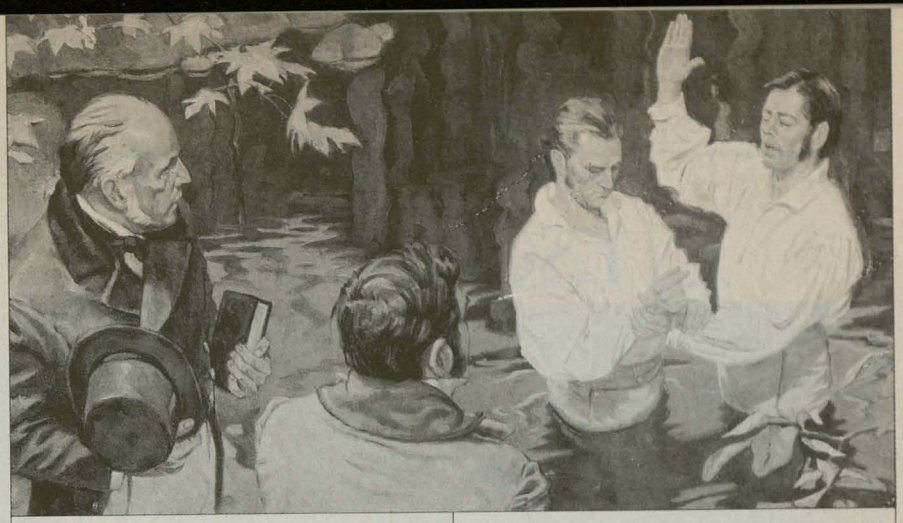
Taylor perguntar-lhes se queriam, até que um dia o Élder Parley P. Pratt indagou: "Élder Taylor, já pregou o evangelho a estas crianças? Algumas delas querem ser batizadas." E assim foram batizadas.

George Q. Cannon, o filho mais velho, acabou emigrando para os Estados Unidos e em 1860 foi ordenado apóstolo, tendo servido como conselheiro a quatro presidentes da Igreja.

IRLANDA

Logo no princípio de sua missão, o Élder Taylor, tornou-se o primeiro santo dos últimos dias a levar a mensagem do evangelho à Irlanda. Alguns conversos de Liverpool e cidades da vizinhança eram imigrantes irlandeses obrigados a deixar a Irlanda devido dificuldades econômicas e condições sociais adversas. Um deles, James McGuffy, apresentou o Élder Taylor a seu amigo Thomas Tate, lavrador irlandês em visita a Liverpool. Depois de uma conversa amigável, o Élder Taylor profetizou que ele seria o primeiro a batizar-se na Igreja na Irlanda. Tal profecia deixou até mesmo o Élder Taylor admirado, pois não havia sequer planos de mandar missionários a esse país.

Todavia, tempos depois o Élder Taylor acompanharia o Irmão McGuffy numa visita à sua terra natal. Como missionário, não perdeu a oportunidade de realizar reuniões públicas e divulgar a história da igreja restaurada. Pernoitou também na casa de Thomas Tate, que se ofereceu para acompanhá-los parte do caminho até a cidade seguinte. Durante a caminhada, o Élder Taylor falou do evangelho restaurado e, ao passarem por um lago, disse Thomas Tate citando Atos 8:36: "Eis aqui água; que impede que eu seja batizado?" Os dois entraram na água e Thomas Tate



IRLANDA

Em cumprimento à profecia, Thomas Tate foi o primeiro converso SUD a batizar-se na Irlanda.

tornou-se o primeiro converso batizado na Irlanda, em cumprimento à profecia de John Taylor.

ILHA DE MAN

A Ilha de Man fica quase exatamente a meio caminho entre a Inglaterra e a Irlanda, e foi para lá que o Élder Taylor se dirigiu em setembro de 1840.

Depois de alugar um amplo salão, pôs-se a pregar a mensagem do evangelho. Os ministros locais, entretanto, acusaram-no de desvirtuar, mutilar e aumentar as escrituras, e de estar blasfemando. Ele aceitou um debate público, tornando-se logo óbvio que os tais ministros não conseguiam sustentar suas acusações.

Em resposta às falsas acusações, o Élder Taylor escreveu três folhetos, mas não tinha como mandar imprimi-los. Crendo que o Senhor proveria os meios, orou por auxílio e logo recebeu um envelope com o dinheiro necessário, acompanhado de um bilhete: "Digno é obreiro de seu salário."

Resumindo sua bem sucedida missão na Grã-Bretanha, dizia o Élder Taylor: "Jamais... tive falta de dinheiro, roupas, amigos ou uma casa... Assim pus o Senhor à prova e sei que é fiel à sua palavra."

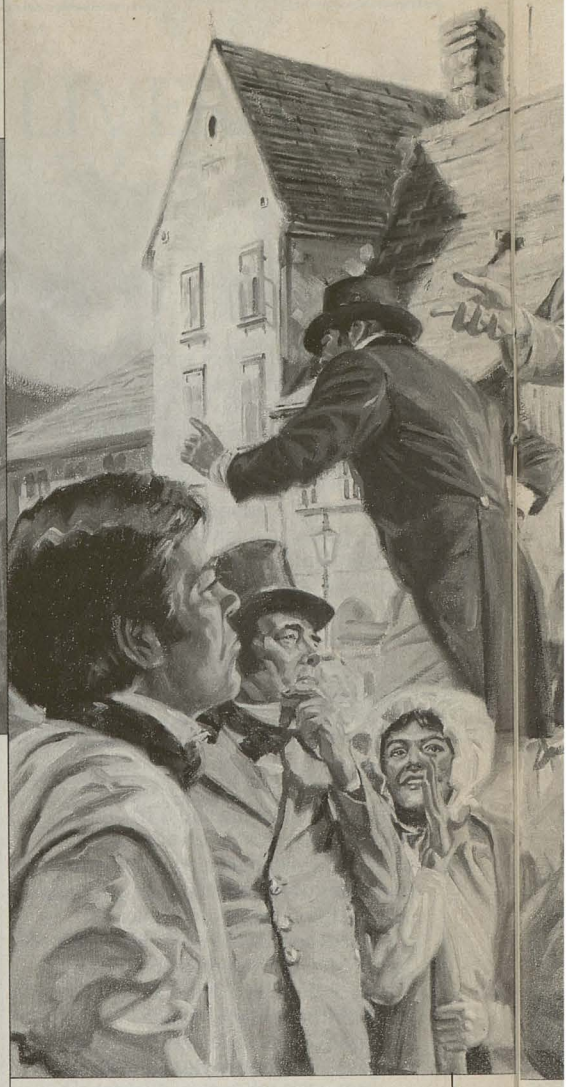
Ele continuou compartilhando seu testemunho do evangelho, o testemunho que lhe daria forças nos dias negros em que levou cinco tiros na Cadeia de Carthage, por ocasião do martírio de Joseph Smith. Seu relógio de bolso desviou uma bala de seu coração, salvando-lhe a vida. Em 1877 tornou-se presidente do Quorum dos Doze e em 1880, presidente da Igreja.

Em atendimento à sua oração, o Élder John Taylor recebe dinheiro para a publicação de um folheto missionário.

ILHA DE MAN

ORSON PRATT

ESCÓCIA



Alexander Wright e Samuel Mulliner, dois escoceses que se haviam filiado à Igreja no Canadá, aceitaram o chamado missionário para pregar na sua terra natal.

ESCÓCIA, 1840-1841.

Orson Pratt, um dos Doze Apóstolos originais chamados em 1835, chegou à Inglaterra em abril de 1840. Designado a pregar na Escócia, reuniu-se a Alexander Wright e Samuel Mulliner, ambos escoceses natos que haviam emigrado para o Canadá onde se filiaram à Igreja.

Pouco tempo depois de chegar à Escócia, o Élder Pratt solicitava mais dois missionários para ajudarem na obra. Hiram Clark e Reuben Hedlock passaram a trabalhar em Paisley com Alexander Wright, enquanto o Élder Pratt e Samuel Mulliner deram início à obra missionária em Edimburgo, a capital do país.

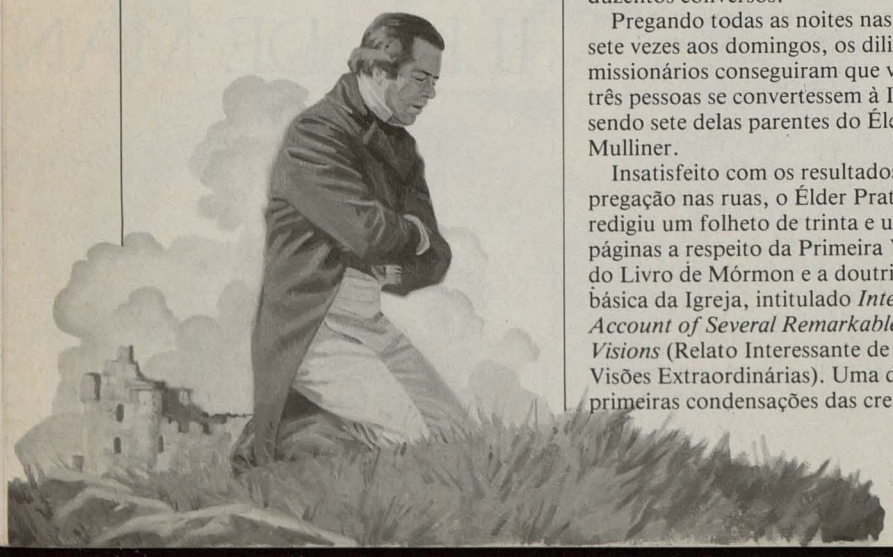
Percebendo a pouca ressonância da obra, os dois missionários subiram ao topo de um monte sobranceiro à cidade para dedicar a Escócia à obra missionária e pedir ao Senhor duzentos conversos.

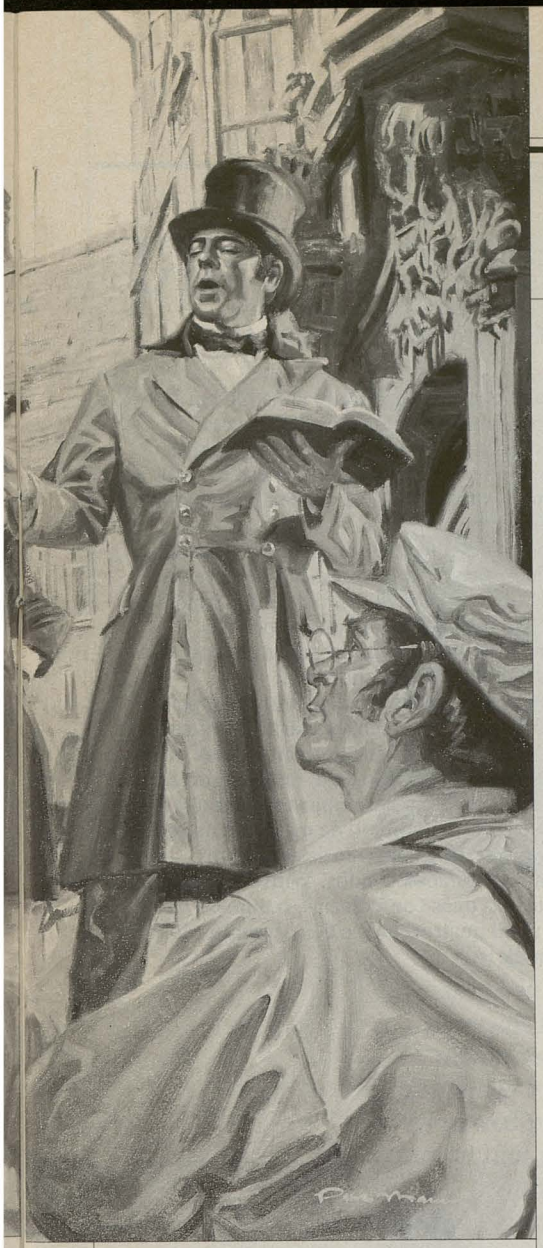
Pregando todas as noites nas ruas e sete vezes aos domingos, os diligentes missionários conseguiram que vinte e três pessoas se convertessem à Igreja, sendo sete delas parentes do Élder Mulliner.

Insatisfeito com os resultados da pregação nas ruas, o Élder Pratt redigiu um folheto de trinta e uma páginas a respeito da Primeira Visão, do Livro de Mórmon e a doutrina básica da Igreja, intitulado *Interesting Account of Several Remarkable Visions* (Relato Interessante de Várias Visões Extraordinárias). Uma das primeiras condensações das crenças SUD, o folheto acabou sendo traduzido para dinamarquês, holandês, espanhol, sueco e galês, tornando-se um clássico da literatura missionária da Igreja. Ele escreveu mais quinze folhetos que fizeram milhares de pessoas tomar conhecimento da Igreja no século XIX.

Quando em 1841 partiu da Escócia para casa, a oração do Élder Pratt pedindo duzentos conversos havia sido atendida. "Sem dúvida haverá mais centenas que ainda... abraçarão a mensagem que Deus lhes enviou", dizia. De fato, milhares de escoceses aceitaram a mensagem, sendo que muitos deles emigraram para os Estados Unidos onde se fixaram em Utah.

No alto do monte sobranceiro à capital de Edimburgo, o Élder Orson Pratt orou pedindo duzentos conversos na Escócia.





Orson Pratt e seu companheiro de missão pregavam nas ruas todas as noites e sete vezes aos domingos.

O Élder Pratt retornou à Grã-Bretanha mais sete vezes antes de sua morte em 1881; presidiu a Missão Britânica e a Missão Européia, visitando Edimburgo pela última vez em 1864.

BRIGHAM YOUNG

MANCHESTER

O LIVRO DE MÓRMON NA INGLATERRA

Brigham Young chegou à Inglaterra em abril de 1840. Recebido por outros componentes do Quorum dos Doze, do qual era o membro mais antigo, Brigham Young foi apoiado e designado presidente do quorum. Na época de sua chegada, havia na Grã-Bretanha mais de mil e seiscentos santos dos últimos dias. Mais de quinhentos deles se reuniram para saudarem Brigham Young e seus companheiros no primeiro domingo após sua chegada.

Uma semana mais tarde, os apóstolos presidiram a primeira conferência geral britânica, na qual apresentaram para o voto de apoio um ambicioso programa não só missionário como também de publicações. A conferência aprovou a impressão de um hinário e, depois de conseguir-se um número suficiente de assinantes, um periódico mensal.

Mas isto era apenas o começo. Um mês depois, Brigham Young escrevia ao Profeta que "o povo pede e implora um Livro de Mórmon". Embora Joseph Smith desse autorização para a publicação do Livro de Mórmon na Inglaterra, a chegada de exemplares dos Estados Unidos levaria meses e as taxas alfandegárias tornariam o livro inacessível à maioria dos santos britânicos.

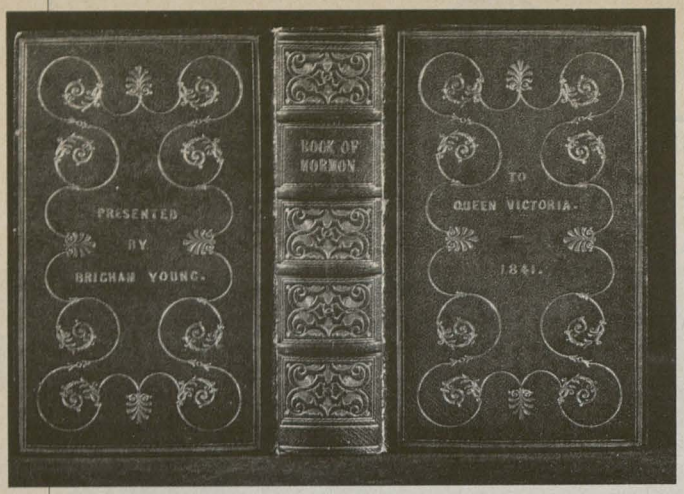
Brigham Young tinha de tomar uma decisão imediata. Orou em busca de orientação com os élderes Wilford Woodruff e Willard Richards, sentindo-se influído a ir para Manchester a fim de colaborar na publicação do hinário e impressão do Livro de Mórmon.

O Presidente Young, além dos Élderes Heber C. Kimball, Parley P. Pratt e John Taylor puseram imediatamente mãos à obra. Visitaram todas as editoras de Liverpool e Manchester antes de selecionar a firma que devia imprimir os cinco mil exemplares do Livro de Mórmon.

Em fevereiro de 1841, finalmente, estavam prontos para distribuição os primeiros exemplares do Livro de Mórmon impressos fora dos Estados

Ao orar, Brigham Young foi instruído a ir a Manchester para supervisionar a edição do Livro de Mórmon na Inglaterra.

A publicação do Livro de Mórmon na Inglaterra foi uma importante tarefa de Brigham Young.



O exemplar do Livro de Mórmon com que Brigham Young presenteou a Rainha Victoria em 1841. (Cortesia da Biblioteca Real, Castelo de Windsor.)

Unidos. Tendo realizado um grande projeto, estava na hora de Brigham Young preparar-se para voltar para casa. Ele havia ajudado a Igreja a progredir em vários sentidos: Organizou a administração da Igreja na Grã-Bretanha, supervisionou a produção de literatura da Igreja muito necessária e auxiliou os santos britânicos a emigrarem para os Estados Unidos.

Em março de 1840, Wilford Woodruff conheceu o fazendeiro John Benbow. Ele ajudou a converter centenas de pessoas que foram batizadas num pequeno lago na Fazenda de Benbow, que ainda hoje existe. Esta pintura de Wilford Woodruff, limpando o lago para os batismos é de Richard Murray.

WILFORD WODRUFF

HEREFORDSHIRE

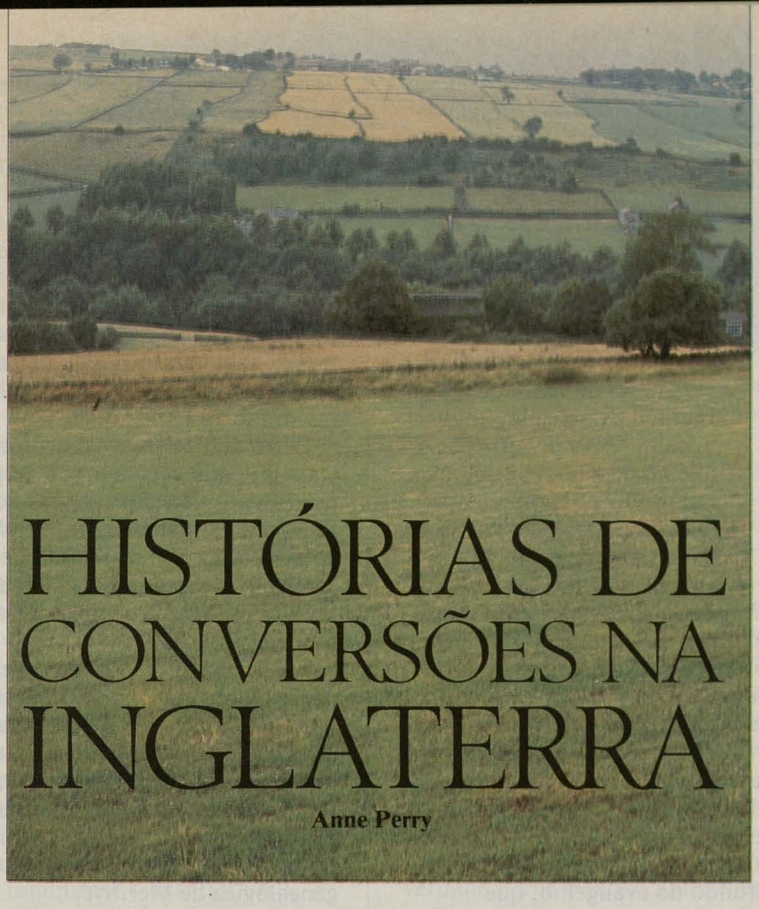
MESSE EM HEREFORDSHIRE, 1840

Wilford Woodruff, que fora ordenado apóstolo em 1839 e viria a tornar-se presidente da Igreja em 1880, estava trabalhando com sucesso na região central da Inglaterra quando o Espírito o induziu a ir para Herefordshire, mais ao sul, no que se tornaria a mais frutífera viagem missionária na história da Inglaterra.

Lá o Élder Woodruff conheceu John Benbow, abastado rendeiro e figura de projeção na congregação dos Irmãos Unidos, dissidentes dos Metodistas Primitivos. Os Irmãos Unidos, cerca de seiscentas pessoas lideradas por uns quarenta pregadores leigos, buscavam seguir o cristianismo fundamental isento de doutrina dos homens.

A mensagem do evangelho restaurado transmitida pelo Élder Woodruff foi muito bem recebida, particularmente após o batismo de Thomas Kingston, superintendente dos Irmãos Unidos. Seguindo o exemplo dele, umas trezentas e vinte pessoas se filiaram à Igreja nas semanas seguintes. Em pouco tempo, cresceu tanto o número de membros na região que foi preciso organizar duas conferências (distritos).

Antes de retornar aos Estados Unidos, Wilford Woodruff pôde comunicar que nas duas conferências, o número de membros chegava a mil quatrocentos e dez, trezentos dos quais batizados por ele. □



HISTÓRIAS DE CONVERSÕES NA INGLATERRA

Anne Perry

A fim de registrar o 150.º aniversário da grande obra missionária na Grã-Bretanha, atividades comemorativas especiais tem sido realizadas, incluindo conferências regionais com a presença de membros da Primeira Presidência e outras Autoridades Gerais. Nos últimos anos, os santos britânicos, como os irmãos e irmãs de todo o mundo têm permanecido para edificar o reino de Deus no seu próprio país e a fé e a força de seu compromisso reflete-se nos testemunhos colhidos em toda Ilha Britânica.

Charlotte May Gorn

Charlotte May Gorn vive nas Ilhas Orkney, ao largo da ponta setentrional da Escócia. Nascida em 1919, em Holm, "Lottie" cresceu numa fazenda, aprendendo a ajudar em todas as tarefas do dia-a-dia no campo.

Durante a II Guerra Mundial, serviu como tipotelegrafista do Exército Inglês na Escócia, por toda a Inglaterra e, finalmente, na Itália. Após a guerra, retornou à fazenda da família, para ajudar a cuidar de um irmão inválido, depois que a mãe faleceu. Quando morreu seu irmão, deixou a fazenda para trabalhar como recepcionista em consultório médico, depois como contadora, recepcionista de hotel na pequena cidade de Kirkwall, e por breve período no jornal do lugar, o *Orcadian*. Finalmente, empregou-se no serviço médico local, fazendo registros e ajudando pacientes novos a se registrarem.

Agora está aposentada e mora em Kirkwall, onde tem um jardim cheio de flores. Regularmente faz resenha literária para o *Orcadian* e começou a escrever contos de ambientação local.

Lottie sempre amou a Bíblia, mas muitas perguntas a respeito da Redenção e do destino do homem ficavam sem resposta. Certa noite, em 1977, foi visitada pelos missionários. Como estivera lendo as epístolas de Pedro, aproveitou para abordar todas as coisas que lhe pareciam inexplicadas. Eles responderam a todas as suas dúvidas. Esse foi o início do seu despertar para a verdade. Ela foi batizada em outubro do mesmo ano.

Os Mahoneys. Sentados: Enid Mahoney com a neta Eleanor Morgan e sua filha Carolyn J. Morgan. Atrás, da esquerda para a direita, John Mahoney com os filhos J. Glen Mahoney e Reynold J. Mahoney, e o genro John W. Morgan.

O povo da Ilhas Orkney é muito tolerante e amigável. Não obstante, Lottie enfrentou certa adversidade, alguns comentários desagradáveis, e agora raramente é convidada para a casa de seus vizinhos. Mas afirma, com um sorriso que lhe ilumina a face: "Não me arrependo de nada. Minha vida antes de ser batizada na Igreja me parece muito distante. Não desejo mais o que no passado considerava importante. E aprendi a realizar coisas que jamais me passariam pela mente antes."

Que coisas são essas? Tornou-se uma grande estudiosa do evangelho; dirige a Escola Dominical e dá aulas para os três santos de Orkney: ela mesma, além de Arnie e Mina Flett. Possui uma voz suave e harmoniosa, e aprendeu a reger música.

Lottie tem viajado freqüentemente de barco através de águas revoltas para assistir a conferências na Estaca de Aberdeen, Escócia. Percorreu muitas centenas de quilômetros até o Templo de Londres, para receber seu próprio endowment. Contudo, tem sede de um conhecimento mais profundo do evangelho, que poderia adquirir por meio de um contato mais freqüente com outros membros da Igreja. "Às vezes gostaria de reunir-me numa classe numerosa de Escola Dominical, ouvindo debates, fazendo perguntas e aprendendo com outras pessoas", diz ela.

Contudo, tem recebido bênçãos aprendendo sozinha. "Quando era nova na Igreja, não entendia bem o dízimo, e só depois de um ano ou dois é que percebi que não o estava pagando corretamente. Precisei consultar um contador e pedir-lhe que calculasse a diferença, a fim de acertar minhas contas. Tive medo de que fosse muito dinheiro, mas, quando cheguei à porta de seu escritório, senti uma grande emoção, como se alguém houvesse colocado a mão suavemente sobre minha cabeça. Realmente senti o peso dela, e enchi-me de plena alegria e bem-estar."

Os Dunnes (da esquerda para a direita): os filhos Colin, Theresa, Colin, Gordon e Daniel.

O dinheiro sobre o qual não pagara o dízimo chegava a mais ou menos trinta por cento de seu último salário, mas ela pagou tudo imediatamente. Diz Lottie: "Jamais me esquecerei da felicidade que senti, e do momento em que aquela mão sobre minha cabeça me abençoou."

Esse mesmo espírito de testemunho tocou John Mahoney, agora presidente da Estaca Merthyr Tydfil Gales. Embora nascido em Merthyr, John foi criado no norte da Inglaterra e não voltou para sua cidade natal até já ser rapaz. Em janeiro de 1956, conheceu Enid Price, uma jovem mórmon, e imediatamente sentiu-se atraído por ela. Quando disse a Enid que *jamais* trocaria de religião, ela simplesmente lhe respondeu que jamais se casaria fora da Igreja. Naturalmente, disse-lhe ela, ele teria que tomar sua própria decisão.

John começou a freqüentar as reuniões com ela, e até participou de palestras missionárias. Depois de seis meses, sabia que a Igreja era baseada em fatos, mas ainda não recebera um testemunho espiritual, resistindo ao batismo.

Certo dia, quando estava fora de Merthyr, a trabalho, começou a orar a respeito da Igreja. Conta ele: "Senti um calor tão grande dentro de mim, que me dominou completamente. Pensei que iria morrer. E então as palavras da seção 9 de Doutrina e Convênios, versículo 8, vieram-me à mente: "se é correto... eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir, assim, que é certo." "

Ele foi batizado a 22 de dezembro de 1956. Aos dezoito anos, tornou-se professor da Escola Dominical, depois secretário do ramo. Quando tinha dezenove anos e meio, casou-se com Enid. Aos vinte, era presidente do ramo, na época o mais jovem do país.

Tornou-se dedicado pesquisador de genealogia, e apareceu num programa nacional de televisão, muito popular, para explicar o funcionamento da biblioteca genealógica de Merthyr.

Enid Mahoney é descendente de um converso galês, Moisés Jones, que emigrou para Utah em 1869. A família deveria segui-lo, mas após muitos anos de adiamentos, decidiram permanecer em Merthyr Tydfil e, com isso, afastaram-se da Igreja. Em 1932, sem saber de seu antepassado, Ellen, a neta de Moisés e mãe de Enid, aceitou as palestras missionárias e foi batizada. Somente mais tarde descobriu sua ascendência mórmon.

Enid começou cedo a trabalhar na Igreja. Aos quinze anos, era presidente da Primária. Desde aí, ocupou vários cargos, inclusive o de presidente da AMM do distrito.

Muitos quilômetros além, na República da Irlanda, Colin Dunne e sua mulher, Theresa, eram ambos de criação católica. Foi enquanto estavam morando com a mãe de Theresa e economizando dinheiro para sua própria casa, que os missionários os visitaram. Com espírito hospitaleiro, Theresa convidou-os a entrar.

Rashida e Chris Charles

"Ouvimos o que tinham a dizer", recorda Colin, "e ficamos com um livro de Mórmon, mas não tínhamos intenção de trocar de fé". Theresa conta: "Fiquei procurando uma oportunidade para livrar-me do Livro de Mórmon, mas, não sei como, quando nos mudamos, nove meses mais tarde, ainda estava conosco.

Então, certo dia estava olhando pela janela, quando vi duas jovens na rua olhando em torno, indecisas. Pensei que talvez estivessem perdidas. Dirigi-me à porta. Ia perguntar-lhes se poderia ajudá-las, mas lá estavam as duas de pé à minha porta, com o sorriso mais simpático que já vira.

Disseram-me que eram missionárias mórmons, e eu pensei: "Finalmente vou poder livrar-me daquele livro!" Mas elas disseram que gostariam de que eu ficasse com ele e perguntaram se poderiam voltar naquela noite. Colin concordou, e ambos ouvimos as palestras." Ela ri. "*Eu* estava decidida a *convertê-las*! Pensei em todo tipo de perguntas para confundi-las. Mas as missionárias responderam a todas e continuaram a visitar-nos durante três meses."

A despeito das extremas pressões sociais, dos esforços de amigos de muitos anos para dissuadi-la de batizar-se, entrou nas águas do batismo a 22 de novembro de 1975. Ela própria afirma com franqueza: "Quando o Senhor sabe que você sabe que esta é a verdade, não há como desistir."

Para Colin, o compromisso foi chegando devagar. Quando as missionárias finalmente o desafiaram a ajoelhar-se e orar em voz alta, pedindo uma resposta para suas incertezas a respeito do evangelho, ele perguntou claramente em sua oração se Joseph Smith era realmente um profeta e se o Livro de Mórmon era a palavra de Deus. Sentiu a resposta clara e certa dentro de si mesmo, como se alguém houvesse dito: "Por que está perguntando algo que já sabe?" Ele se ergueu, plenamente comprometido. "Eu sabia", admite ele. "E Deus sabia que eu sabia. Eu tinha que agir de acordo."

Len e Rita Farlow; Westminster Palace, em London, onde se encontra o Parlamento Britânico.

Em Londres, Inglaterra, Christopher e Rashida Charles foram preparados pelo Espírito para aceitar o evangelho, enquanto procuravam respostas para suas próprias perguntas a respeito da vida. Suas origens são diferentes da maioria dos santos dos últimos dias nas Ilhas Britânicas. Chris nasceu em Londres, em 1950, mas seus pais eram ambos da Ilha de Chipre, na Grécia. Ele deixou de freqüentar a igreja da mãe quando menino, começando a buscar sua própria fé. Tentou várias igrejas, mas foi só anos mais tarde que encontrou o que procurava.

Ele e Rashida se conheceram quando ele tinha dezessete anos e ela quatorze, e se casaram cinco anos mais tarde. O pai de Rashida era um negociante de couro paquistanês, e a mãe era escocesa.

A morte trágica de uma irmã mais velha, somada à perda prematura de um irmão mais jovem, fez com que Rashida se voltasse para assuntos da fé. Começou a pensar a respeito da morte e da ressurreição. As pessoas a quem amava tão profundamente não poderiam simplesmente desaparecer. "Comecei a orar pedindo uma resposta, a fim de saber qual era a igreja verdadeira", diz ela.

Duas semanas mais tarde, as missionárias bateram à sua porta, e ela lembrou-se de suas orações. Imediatamente ouviu uma voz dentro de si: "Esta é a verdade." Ela o sabia, antes mesmo de receber uma só aula.

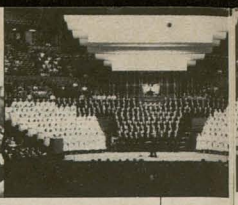
Três dias mais tarde, as missionárias deram a primeira palestra à família Charles. Chris e Rashida não as deixaram sair até darem também a segunda palestra. "As missionárias trouxeram um belo e importante espírito para dentro de nossa casa. Nós o sentimos; e quando partiram, ainda o sentíamos", diz Chris.

Chris e Rashida foram batizados três semanas mais tarde. Dentro de um mês, Chris era presidente da Escola Dominical. Depois, serviu como sumo-conselheiro, como segundo conselheiro na presidência da estaca, e, desde 1982, como primeiro conselheiro. Rashida ocupou várias posições de liderança na ala e na estaca, e gostou especialmente de dar o curso de preparação para o templo.

Rashida ama crianças, mas até hoje ela e Chris não tiveram filhos. Depois de muito pensar e orar, resolveram adotar uma criança, através do programa da Igreja.

Quando, finalmente, souberam que havia um bebê para eles, Rashida recorda: "Não tinha certeza de como me sentia, se aquela criança poderia vir a ser parte de nossa família pelo tempo e eternidade, da mesma forma que nossos próprios filhos poderiam ser.

Fui para o quarto, e segurei a menininha em meus braços. E naquele momento tive a extraordinária sensação de que o bebê me olhou firmemente nos olhos. Por um instante, tive consciência de seu espírito adulto me dizendo: "Está certo, fui destinada a você,"



1. Arthur's Seat, Edinburgh, Escócia, onde Orson Pratt orou ao Senhor pelos 200 conversos escoceses. 2. Capela de Llanelli, Gales, a primeira capela santos dos últimos dias construída na Grã-Bretanha. 3. Liverpool Music Hall, um dos maiores e melhores da época, foi alugado por um ano, por John Taylor para as reuniões semanais. 4. Presidente David O. McKay visita a Grã-Bretanha. 5. Apresentação do Coro do Tabernáculo de 1955 no London's Royal Albert Hall. 6. O Templo de London. 7. Escritórios da Igreja, Solihull, Warwickshire, Inglaterra. 8. Capela de Inverness, Escócia. 9. Capela de Newtownabbey, Irlanda do Norte. 10. Capela de Maidstone, Aidstone, Kent, Inglaterra. 11. Capela de Finglas, Dublin, Irlanda.

e então voltou a ser um bebezinho. Senti-me imersa em paz, e dei o bebê ao Chris."

Rashida tentou encontrar palavras para compartilhar sua experiência com o marido. Mas "ele entendeu sem demora. Tivera exatamente o mesmo testemunho."

Chris e Rashida Charles estão decididos a repartir com sua filha todo seu conhecimento e amor. Assim, esperam expressar ao Senhor sua profunda gratidão pelas dádivas que lhes tem concedido.

A mesma gratidão pelas bênçãos do Senhor é um sentimento muito forte no coração de Len e Rita Farlow, que residem em Peterlee, Condado de Durham, no norte da Inglaterra.

Len foi batizado na Igreja em 1968, e quase imediatamente chamado a ser superintendente da Escola Dominical. Mas ele admite que não estava pronto para a responsabilidade e não compreendia bem sua fé. Afastou-se da Igreja até 1982, após seu segundo casamento, com Rita. Era o segundo casamento de Rita também.

Um homem caloroso, extrovertido, com um sorriso fácil e o dom da simpatia, Len é agora segundo conselheiro tanto na presidência do ramo de Peterlee, quanto na presidência do quorum dos élderes. Mas é como mestre familiar que ele externa melhor seu amor às pessoas, incentivando membros menos ativos a voltarem ao evangelho. "Tenho uma meta de trinta élderes em perspectiva que desejo alcançar e trazer de volta", diz ele.

Rita foi criada numa fé cristã diferente, à qual ainda pertencem seus filhos mais velhos. Depois que terminou seu primeiro casamento, ela teve o que descreve como "oito anos de curto-circuito", quando sentiu-se sozinha e afastada de Deus. "A fé que conhecia não mais me satisfazia. Estava convencida de que devia haver algo além, algo mais profundo no evangelho do que aquilo que aprendera até então.

"Quando os missionários chegaram à minha porta, eu ouvi o que tinham a dizer, pois sabia, que mesmo ao preço do desagrado de minha família, eu precisava colocar o Pai Celestial em primeiro lugar. Creio que realmente não os posso perder para sempre, se seguir os caminhos de Deus."

A família, que ela ama profundamente, opôs-se firmemente ao seu batismo. Rita ficou muito doente e permaneceu no hospital, na unidade de terapia intensiva, por cinco dias. Mas logo que melhorou, foi batizada, a 21 de setembro de 1982.

Ela já serviu em vários postos de liderença na Igreja. Pessoa simples, possui uma visão ampla das coisas, e a aptidão de fazer vir à tona o que os outros têm de melhor.

Seu testemunho é forte e seguro. "A despeito de tudo o que me custou, sei que a verdadeira felicidade consiste em se colocar o Pai Celestial em primeiro lugar." Ela cita Lucas 9:62: "Ninguém que lança mão do arado e olha para trás, é apto para o reino de Deus."

No norte da Inglaterra, a Igreja é jovem mas corajosa, e nas colinas da Irlanda os membros enfrentam grandes desafios, mas não se intimidam. Nos vales do sul do País de Gales, a Igreja é antiga e forte, e no sul da Inglaterra, é grande e está crescendo. Nos planaltos da Escócia, os membros da Igreja são poucos e, geralmente, vivem dispersos, mas eles conhecem a verdade, e não desistem.

O testemunho de Lottie Gorn fala por muitos: "Eu costumava ficar muito preocupada porque retiraram os missionários e somos só três, aqui em Kirkwall. Seremos suficientemente fortes? Então ouvi uma voz dizendo claramente dentro de mim: "Eu sou Deus. Sou mais forte que o demônio. Nada pode destruir minha Igreja."" □

Anne Perry, conhecida autora de romances de mistério, é membro da Estaca Norwich Inglaterra, onde ocupa o cargo de diretora de comunicações públicas.

CAD. CATÓLICO DE NOVEMBRO 1987

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES

BÊNÇÃOS E RESPONSABILIDADES

AS MULHERES SUD NO MUNDO DE HOJE

Objetivo: Apreciar a bênção de ser mulher na Igreja hoje.

"Ser mulher na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, hoje, traz bênçãos imensuráveis, nem mesmo mencionadas em outras épocas e, da mesma forma, responsabilidades de natureza sagrada", diz Barbara W. Winder, presidente geral da Sociedade de Socorro. Entre essas bênçãos e responsabilidades estão as oportunidades de adquirir conhecimento, tanto secular quanto espiritual; de servir-nos mutuamente e de criarmos nossos filhos.

Conhecimento

Ethel Smith Matheson era uma jovem curiosa, cuja vida na fazenda restringia suas oportunidades de instruir-se. Mas ela descobriu a maravilha da leitura, e trabalhou para custear seus estudos. Mais tarde, seus filhos se formaram em medicina e ciências. Quando sua visão diminuiu, ela continuou a aprender, ouvindo discos e fitas. Sua capacidade de citar escrituras era notável.

Serviço

Nossas oportunidades de servir são imensas e todo esforço, por menor que seja, é importante. O Presidente Hinckley observa que as mulheres têm "uma inclinação instintiva para ajudar aqueles que passam por sofrimento". (*A Liahona*, janeiro de 1986, p. 79.) Élder Dean L. Larsen conta que certa vez estava numa loja com a filha, quando uma freguesa que se encontrava perto, derrubou uma pequena estatueta de porcelana no chão.

"Instintivamente, eu recuei", recorda o Élder Larsen. "Não menos instintivamente, minha filha... fez o contrário. Rapidamente dirigiu-se para a senhora, abraçou-a, sussurrou-lhe algumas palavras consoladoras, e então começou a apanhar alguns pedaços do objeto de porcelana." (*A Liahona*, janeiro de 1985, p. 92.)

Famílias

"Desde o princípio", diz o Presidente Ezra Taft Benson, "sua tarefa (de mãe) tem sido ensinar os princípios do evangelho eterno aos seus filhos. Ela tem o dever de proporcionar aos filhos um refúgio de segurança e afeto... a criança aprende a ter fé, sente o amor e, pelo exemplo da mãe, aprende a escolher a retidão." (*A Liahona*, fevereiro de 1982, pp. 191, 193.)

Como são breves os anos em que elas têm que ensinar "suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor" (D&C 68:28), as mães devem estabelecer prioridades para cumprir esta missão sagrada.

Embora nem todas as mulheres sejam mães na mortalidade, todas elas podem, de alguma forma, educar crianças. Uma irmã solteira, já de certa idade, ajudava uma jovem mãe a cuidar de seus filhos, após o trabalho. Ela também se sentava com essa família na igreja, para auxiliar. Isto lhe trouxe muita alegria. □

SUGESTÕES PARA AS PROFESSORAS VISITANTES

1. Conversar sobre maneiras de continuarmos a adquirir conhecimento.
2. Ler D&C 58:27-28. Debater como a sensibilidade ao Espírito pode aumentar nossa capacidade e oportunidades de servir em nosso próprio lar, alas e ramos, além da comunidade.

Ver Noite Familiar — Livro de Recursos, *lições 20-21, lição 25, para informações adicionais. Seção "Idéias": Aprender, p. 177; "O Desenvolvimento de uma Família Forte": toda a seção; "Família — Atividades": Servir Juntos ao Próximo, p. 266.*

ÉLDER NEAL A. MAXWELL

BUSCANDO UM CAMINHO "MAIS EXCELENTE"

Bispo Henry B. Eyring
Primeiro Conselheiro no Bispado Presidente

O Élder Neal A. Maxwell, do Conselho dos Doze, levanta-se de sua cadeira, dá volta à mesa e vem ao nosso encontro a fim de cumprimentar-nos, quando entramos em seu escritório. Depois transforma o tempo que passamos com ele numa insólita experiência de amor.

Sentimos que toda sua atenção está focalizada em nós, naquilo que estamos dizendo. Ele procura captar o que queremos dizer e perceber como nos sentimos. "A palavra concentrar-se é fundamental para ele. Ele consegue concentrar suas energias na parte que importa, assim como uma lente concentra a luz", diz um velho amigo.

É uma descrição adequada de sua capacidade, de seu dom de trabalhar com as pessoas e de sua produtividade pessoal.

A Idéia de Ser Veterinário

Nascido a 6 de julho de 1926, o mais velho dos seis filhos de Clarence e Emma Ash Maxwell, Neal criou-se no que na época era considerado uma área rural do Vale do Lago Salgado. Seus interesses incluíam esportes e animais (em certa época pensou em tornar-se veterinário). Sua aptidão literária era óbvia, mesmo antes do curso secundário; mas ele começou a cultivar seu talento depois de ser desafiado por um professor muito sábio a escrever ainda melhor.

Em 1944, Neal formou-se no segundo grau e logo entrou para o serviço militar dos Estados Unidos, no Pacífico. Sua capacidade literária era usada na redação de encômios para os soldados que deviam receber medalhas, e de cartas para as famílias daqueles que

haviam sido mortos. Escrever tais cartas foi uma lição de solidariedade para o jovem soldado.

Após ser desligado do exército, fez missão no leste do Canadá. Não esperou que o bispo o chamasse para a entrevista, mas procurou-o para dizer-lhe que desejava ser chamado. Custeou a missão com dinheiro economizado durante o tempo de serviço militar. Sua habilidade literária foi novamente aproveitada na elaboração de um novo plano de ensino que foi utilizado na sua e outras missões.

Após a missão, ingressou na Universidade de Utah, onde formou-se em ciência política, em menos de três anos.

"Eles O Respeitavam"

Foi na universidade que conheceu Colleen Hinckley. "O sentimento especial que todos transmitiam, era de respeito por ele", diz ela. Colleen formou-se e foi dar aulas no Arizona, mas quando voltou para casa no verão seguinte, começaram a namorar. Casaram-se em 22 de novembro de 1950, no Templo de Lago Salgado.

Depois de sua formatura na universidade, mudaram-se para a capital do país, Washington, D.C., onde Neal trabalhou, a maior parte do tempo na equipe do senador por Utah, Wallace F. Bennett. Foi um período de desenvolvimento para ele, uma época em que começou a usar cada vez mais o evangelho como uma lente, através da qual olhava o mundo. As experiências desse tempo moldariam mais tarde o que ensinava e escrevia como professor de ciência política na Universidade de Utah.

"Na época em que estive em Washington, vi o poder bem de perto. Saí de lá apreciando grandemente a seção 121 de Doutrina e Convênios", diz ele agora. "A maioria das pessoas não sabe lidar com o poder. Minha estada em Washington ajudou-me a compreender os seus usos e abusos."

Naquela ocasião, a carreira política tinha seus atrativos para Neal Maxwell. Achava que a aplicação correta do poder de governo, poderia auxiliar a encontrar soluções para muitos problemas sociais. Mas a experiência e o tempo alteraram seus pontos de vista. Passou a acreditar que "as soluções para os problemas humanos encontram-se no evangelho", capaz de ajudar todo indivíduo a manter o curso correto na vida. "A abordagem governamental ao problema humano é útil, mas realmente não traz a solução. Só o evangelho a possui."

O Início de uma Nova Carreira

No final da década de 1960 e início de 1970, depois de prestar serviços comunitários e acadêmicos em Utah, sentiu que sua vida teria mais valor se devotada ao serviço da Igreja, na comunidade e no mundo acadêmico, onde afetaria melhor os indivíduos do que as instituições.

Ironicamente, foi sua volta a Utah, em meados da década de 1950, para trabalhar na campanha de reeleição do Senador Bennett, que o afastou da política. Soube de uma vaga no departamento de relações públicas da Universidade de Utah, e Colleen sugeriu que ele se candidatasse.

Por quê? pensou ele.

O argumento dela foi que na universidade ele teria maiores oportunidades de servir as pessoas. Foi contratado, tornando-se mais tarde assistente do presidente, decano dos alunos e, finalmente, vice-presidente executivo.

Durante todos os anos que trabalhou na universidade, lecionou ciência política e conquistou prêmios por seu ensino, inclusive um reconhecimento dos alunos como seu professor predileto. Centenas de jovens são diferentes hoje, porque ele os ajudou a ver o que poderiam fazer.

A experiência na comunidade acadêmica confirmou sentimentos que haviam começado a tomar forma em Washington. "De certa maneira, a universidade ajudou-me a ver que as idéias do evangelho não eram só a resposta, como podiam resistir a um exame mais detalhado", reflete o Élder Maxwell. Ele descobriu que as idéias políticas encontradas em Mosiah 29, por exemplo, tinham poderosas aplicações práticas.

Parte de sua capacidade de aplicar princípios do evangelho a desafios do mundo, pode ter sido adquirida através de sua associação com o Presidente Harold B. Lee. Antes de ser chamado como Autoridade Geral, Neal Maxwell serviu como Representante Regional da Igreja e em outros chamados que o fizeram trabalhar intimamente com os líderes da Igreja.

"Não Precisa Ter Medo da Verdade"

"Do Presidente Lee, adquiri a grande convicção de que a Igreja não precisa ter medo da verdade, que podemos usar homens e mulheres naquilo que eles têm de útil, verdadeiro ou louvável, e que não precisamos ter medo ou nos conter", diz o Élder Maxwell. Ele recorda uma visita com o Presidente Lee a um membro menos ativo que tinha conhecimentos de que a Igreja necessitava em determinada área. O Presidente Lee conseguiu do homem as informações que desejava e, ao mesmo tempo, ensinou-lhe amorosamente o que ele necessitava em sua própria vida.

Em 1970, o Irmão Maxwell deixou a Universidade de Utah para ocupar a posição de Comissário de Educação da Igreja. Quatro anos mais tarde foi chamado como assistente dos Doze, depois para a Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, quando este foi organizado em 1976. Ele foi chamado para o Quorum dos Doze em 1981.

Foi o Presidente Spencer W. Kimball quem chamou o Élder Maxwell como assistente dos Doze, e também como membro dos Doze. O primeiro chamado deu-se quando o Presidente Kimball, então membro da ala do casal Maxwell, simplesmente passou pela casa dele uma

O pequeno Neal, aos quatro anos; Neal Maxwell em 1944, quando era soldado na Infantaria dos Estados Unidos; Neal e Colleen Hinckley Maxwell no dia de seu casamento, 22 de novembro de 1950.

noite, encontrando o Élder Maxwell descansando após um duro dia de trabalho. Mas o segundo chamado, para o Conselho dos Doze, foi uma completa surpresa, uma vez que não havia vaga no quorum, na ocasião. (O Élder Maxwell foi chamado para o quorum ao mesmo tempo em que o Presidente Gordon B. Hinckley foi chamado como terceiro conselheiro na Primeira Presidência.) O chamado aconteceu quando Élder Maxwell se encontrava na sala de recuperação de um hospital, após uma cirurgia. A princípio pensou que a visita, no hospital, fosse simples fruto da preocupação amorosa que o Presidente Kimball sempre demonstrava.

Adquiriu uma Perspectiva

"A dimensão cristã do ministério (do Presidente Kimball), de visitar as pessoas nos hospitais" era muito profunda e impressionante, diz o Élder Maxwell. "Eu não faço isso o suficiente. Mas o pouco que faço é por causa do exemplo dele."

O Élder Maxwell também adquiriu uma perspectiva a respeito de como servir, pelos contatos com o presidente atual da Igreja.

"O Presidente Ezra Taft Benson segue uma diretriz constante: O que é melhor para o reino? E isso será um ponto de destaque na sua administração. É um teste que cada um de nós precisa aplicar, e se o fizermos, evitaremos muita tristeza, ao mesmo tempo em que provocaremos muita felicidade na vida de outros", comenta o Élder Maxwell.

Como vários de seus colegas, entre as Autoridades Gerais, o Élder Maxwell cumpre seu próprio ministério silencioso entre as pessoas. Seus conhecidos sabem que ele tem na mente uma longa lista particular de gente que poderá beneficiar-se de ajuda pessoal ou encorajamento. Parte de sua compaixão é o raro dom de dar às pessoas necessitadas a sensação de que *elas* são necessárias, de que *elas* é que estão contribuindo.

Sensibilidade em Relação às Pessoas

Diane Ellingson, uma ginasta campeã, perdeu o uso das pernas alguns anos atrás, num trágico acidente durante uma sessão de treinamento. Ao levar avante sua vida, aprendendo várias maneiras de servir o próximo, a Irmã Ellingson sempre tem o incentivo do Élder Maxwell. "Acho que sou apenas uma das muitas pessoas a quem ele estendeu a mão e tocou", diz ela.

Na formatura de seu filho, na Faculdade de Direito J. Reuben Clark, da Universidade Brigham Young, o Élder Maxwell primeiro foi falar com o formando David Silvester. O corpo docente e demais formandos fizeram uma ovação quando David recebeu seu diploma; ele enfrentara três cirurgias de câncer e quimioterapia durante seu último ano na escola, sem perder uma só aula. O Élder Maxwell o visitou, lhe escrevia e telefonava para o incentivar, desenvolvendo assim uma forte amizade entre os dois, antes da morte do rapaz.

A sensibilidade do Élder Maxwell com respeito às necessidades alheias, parece especialmente desenvolvida quando se trata de sua família. Cory, o segundo dos quatro filhos do casal Maxwell (depois da irmã mais velha, Becky, e antes de Nancy e Jane), lembra-se de que recebeu um oportuno telefonema do pai certa vez em que estava morando longe de casa. Pela conversa ficou evidente que o Élder Maxwell sabia que o filho necessitava de conselhos naquele momento.

Quando tinha oito anos de idade, diz Cory, "lembro-me de papai me perguntar como me sentia a respeito de sua atuação como pai, particularmente sua disciplina. Ele me perguntou: — Você acha que sou muito duro? Muito mole? Dei-lhe boas notas. Fiquei impressionado com o fato de que, mesmo com minha pouca idade, ele se importava e desejava saber minha opinião."

Cortesia de Busath Photography, Cidade do Lago Salgado, Utah

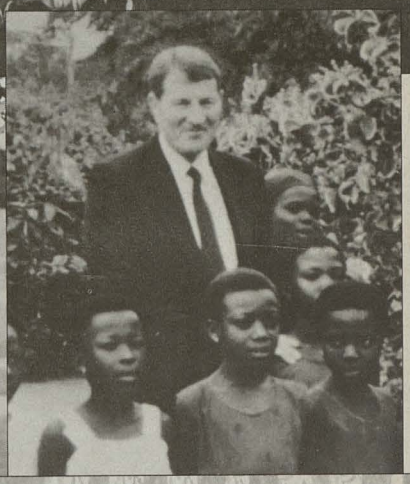
"TESTIFICO QUE ELE É ABSOLUTAMENTE INCOMPARÁVEL NO QUE É, NO QUE SABE, NO QUE REALIZOU E NO QUE VIVEU. AINDA ASSIM, NOS CHAMA GENTILMENTE DE AMIGOS."

Neal A. Maxwell

Cortesia de Busath Photography, Cidade do Lago Salgado, Utah

Manter a Família Rindo

A importância que o Élder Maxwell dá a sua família reflete-se numa afirmação que fez a membros da Ordem dos Advogados de Utah, alguns anos atrás: "Ganhar pontos à mesa de conferências do escritório não é tão vital como o que acontece à sua mesa de jantar."



Élder e Irmã Maxwell com seus filhos e netos; Neal Maxwell gosta de organizar jogos com seus netos; Élder Maxwell em Ghana, África do Norte, onde dedicou a primeira capela da região em 1985. Élder e Irmã Maxwell.

Fotografia de Eldon Linschoten e Jed A. Clark

As conversas durante o jantar, na casa da família Maxwell, recorda a filha Nancy Maxwell Anderson, costumavam ser divertidas. A vivacidade e os comentários do pai faziam a família rir.

Mas uma de suas atividades familiares prediletas era — e ainda é — debates sérios sobre o evangelho. Ele aprecia demais a oportunidade de conversar com os quatro filhos, genros e noras, sobre as escrituras, não tanto para expressar suas próprias idéias, como para ouvir as deles. Quando a família se reúne, ele pergunta: "Quando podemos falar do evangelho?" Sua filha mais nova, Jane Maxwell Sanders, lembra-se de debates sobre o evangelho como os pontos altos de reuniões familiares recentes. Desde seu chamado para o Quorum dos Doze, diz Nancy, "sinto uma urgência espiritual" nessas conversas. "Ele deseja que saibamos mais a respeito de seu testemunho."

Um Grande Senso de Amor e Confiança

Quando seus filhos eram mais jovens, ele sempre encontrava uma forma íntima de expressar-lhes seus

sentimentos, através de conversas pessoais memoráveis, e também de cartas ocasionais. Profundamente pessoais, elas eram escritas especificamente para o filho, individualmente, e tratavam dos pontos fortes da pessoa a quem eram dirigidas. Foram indicadores especialmente importantes de seu amor, durante os anos de adolescência deles, diz Becky Maxwell Ahlander, a filha mais velha do casal Maxwell. Mas elas continuaram chegando depois do seu casamento.

Sempre foi muito grande a influência de seu amor e confiança. "Acho que ele faz com que você deseje ser melhor", reflete Jane.

O Élder Maxwell não tem um passatempo predileto, mas prefere certo tipo de recreação. "Ele adora tênis", diz a filha Nancy. "Acho que é um bom escoadouro para sua energia."

O Élder Maxwell havia desafiado seu filho e seus genros a vencê-lo no tênis antes que fizesse sessenta anos, no ano passado; nem todos conseguiram essa proeza. Ele é um adversário difícil. "Ganhei dele uma vez, antes de minha missão", diz Cory. "Ele força você a jogar o melhor que consegue, e acho que dá tudo que tem, também."

Jamais Sem um Projeto Literário

Ele dedica a mesma energia ao escrever. Lê muito, de jornais a obras de história, biografia e filosofia. É a chave para seus escritos. "Ele lê, absorve idéias, e depois as organiza, a fim de contribuir para o reino", diz um amigo.

Jamais fica sem um projeto literário, conta Colleen Maxwell. "A maior parte do tempo, escreve enquanto viaja. Esteja onde estiver, carrega sempre um caderninho. Se lhe vem uma idéia, ele a anota." Já escreveu dezessete livros, além de incontáveis artigos, discursos e outros materiais.

Foi a esposa quem primeiramente o encorajou a escrever livros. Ela o tem apoiado de muitas outras formas, especialmente em seu chamado, tanto que ele afirma "que nada poderia fazer sem ela", comenta Nancy.

Por exemplo, acrescenta Jane, ela jamais ouviu a mãe reclamar da ocasião ou demora das ausências do Élder Maxwell devido às designações da Igreja. Pelo contrário, a Irmã Maxwell às vezes coloca um bilhete afetuoso junto com um doce que ele aprecia, na sua bagagem, para lembrar-lhe que estará pensando nele durante sua ausência.

O Élder Maxwell tem uma admiração real pela esposa e é grato pelo exemplo que ela dá estudando profundamente as escrituras. Ele diz ter aprendido muito através dos debates que fazem sobre o evangelho. Ela é uma cristã "mais completa" do que ele, explica o marido; tem grande desejo de servir, mas não busca reconhecimento especial, dando um bom exemplo a ele e aos filhos.

"Uma Doce Experiência"

Sua esposa diz que tem sido "uma doce experiência" estar junto dele todos esses anos, observando o desenvolvimento de seu conhecimento do evangelho e amor pelo Salvador.

"Acho que ele mudou muito. Tenho visto seu desejo de ser mais eficiente e de melhorar", comenta ela. "E tenho notado como o Senhor trabalha através dele e como ele tem sido abençoado. Sempre foi um prazer para mim fazer parte disso.

"Não quero dizer que ele seja um "super" santo. Ele não desejaria isso, e não gostaria de transmitir essa idéia, porque é humano", afirma a Irmã Maxwell.

Mas "as coisas do Espírito, o evangelho e o reino são muito mais importantes para ele do que outras coisas.

Acho que ele sempre amou o Salvador", acrescenta ela. Nos últimos anos, entretanto, "parece ter desenvolvido um amor e interesse especiais por Cristo, e um maior apreço por ele".

Em seu primeiro discurso de conferência, após ter sido chamado para o Quorum dos Doze, o Élder Maxwell prestou um forte testemunho do Salvador:

"Testifico que ele é absolutamente incomparável no que *é* no que *sabe*, no que *realizou* e no que *viveu*. Ainda assim, nos chama gentilmente de amigos. (Ver João 15:15.)

Nele podemos confiar, cultuá-lo e mesmo adorá-lo sem quaisquer reservas! Como única Pessoa Perfeita a viver neste planeta, não existe ninguém igual a ele! (Vide Isaías 46:9.)...

Por isso, humildemente prometo ir para onde quer que eu for mandado, empenhado em falar as palavras que ele deseja que eu diga e reconhecendo nos estremecimentos de minh'alma que não conseguirei ser plenamente sua testemunha especial, a menos que minha vida seja plenamente especial." ("Ó, Divino Redentor", *A Liahona*, fevereiro de 1982, pp. 12, 16.)

Muitos de nós já sentiram o chamado especial e o poder do Élder Neal A. Maxwell.

Não há dúvida que ao lançar a luz do evangelho sobre os outros, a fim de iluminar suas vidas e ajudá-los a contribuirem mais, o próprio Élder Maxwell tem sido iluminado e transformado por essa luz. □

EMBORA AS ARMADILHAS DE SATANÁS POSSAM DESTRUIR UM CASAMENTO, UMA SOCIEDADE ETERNA, SEMELHANTE À DE ADÃO E EVA, PODE SER RECONSTRUÍDA COM FÉ E ESFORÇO ALTRUÍSTA.

ALGUMAS IDÉIAS SOBRE O CASAMENTO

Élder Theodore M. Burton
do Primeiro Quorum dos Setenta

Ilustração de Greg K. Olsen

Do meu ponto de vista, uma das maiores histórias de amor de todos os tempos foi raramente reconhecida como tal. Na verdade, se haveis lido a história, provavelmente não a haveis reconhecido absolutamente como uma história de amor.

A história a que me refiro é a de Adão e Eva.

Quando Adão foi colocado na terra, era um homem física e mentalmente perfeito, tendo sido criado à imagem e semelhança de Deus. Mas Adão tinha uma fraqueza básica. Não tinha lembrança de onde viera ou que havia conhecido antes de ser colocado na terra. Precisou aprender tudo novamente.

Depois que Adão foi criado, o Pai disse ao Filho: "Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora." (Gênesis 2:18.)

Assim, Eva foi criada e tornou-se a companheira e esposa de Adão. E como naquela ocasião a morte ainda não entrara no mundo, sua união matrimonial deveria durar toda a eternidade.

A Grande História de Amor

Quando Adão viu Eva, aquela mulher gloriosa selada a ele como sua esposa, sentiu-se tomado de amor por ela, pois fora tirada, simbolicamente, da costela próxima ao seu coração. Disse ele: "Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne: esta será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada." (Gênesis 2:23.) O Senhor disse sobre o casamento como o deles: "Assim não são dois, mas uma só carne. Portanto o que Deus juntou não o separe o homem." (Mateus 19:6.)

Uma das coisas que preocupa os líderes da Igreja a respeito do casamento e, particularmente, casamento e selamento no templo, é a frivolidade com a qual alguns de nossos membros entram nessa santa e eterna ordem. Parece que um número grande demais de pessoas se casa no templo achando ser um casamento muito semelhante a outro qualquer. Entretanto, a cerimônia do templo é realizada sob a autoridade especial do sacerdócio de Deus; portanto, é uma

ordenança sagrada que deve ser levada muito a sério. O casamento no templo deve durar eternamente.

A Diferença entre Amor e Ódio

Muitos membros da Igreja não compreendem a santidade do convênio matrimonial do templo. É como se afirmassem: "Se o casamento não der certo, podemos efetuar uma mudança. Se eu me cansar de meu cônjuge, posso conseguir o cancelamento desse selamento e tentar novamente com outra pessoa!" Se entramos no casamento celestial com essa atitude, seja qual for o amor em que se fundamenta essa relação desde o princípio, mais cedo ou mais tarde se transformará em desagrado, talvez mesmo em ódio.

Como morre o amor num casamento? Observemos a grande diferença entre as atitudes e ações de Jeová e Lúcifer. Eles representam a diferença entre o amor e ódio.

Jesus não pensava apenas em si mesmo, mas tinha uma visão mais profunda do verdadeiro amor que o Pai sente. Jesus não pensava apenas em seus próprios interesses, mas também nos dos outros e naquilo que poderia fazer por eles. Jesus sabia que o plano de salvação do Pai era vital para o crescimento e desenvolvimento da humanidade. Ofereceu-se abnegadamente para dar sua própria vida mortal futura, como nosso Salvador.

Por outro lado, Lúcifer pensava em si próprio. Ele achava que sabia mais sobre a vida do que Deus, o Pai. Em sua arrogância e vaidade, queria forçar-nos a ser justos, quiséssemos ou não. O ódio começa pelo egoísmo, e certamente o egoísmo de Satanás o levou ao ódio.

Acreditar no Evangelho

Esse plano de egoísmo é o evangelho satânico que Lúcifer está pregando hoje, e que tanta gente é levada a aceitar, através de engodos. As pessoas que o fazem não conseguem enxergar suas armadilhas e logros. É um evangelho de oposição que destrói, denigre e torna as coisas feias. No casamento, resulta na separação de famílias, devida a contendas, dissensões e iniqüidade.

Jesus disse simplesmente: "Crê!" Crer no evangelho é a diferença entre o belo e o feio, entre o amor e o ódio, entre a alegria eterna e a tristeza eterna. Que diferença "crer" faz no namoro e no casamento!

Para compreendermos a importância do casamento no templo, precisamos primeiro acreditar com todo nosso coração que somos filhos espirituais de Deus. É imperativo que entendamos que somos todos de origem divina, que Deus é real, e que ele vive.

A segunda coisa de que devemo-nos lembrar é que Jesus Cristo é nosso Salvador. Ele ama tanto cada um de nós que deu sua vida para expiar nossos pecados, se nos arrependermos e santificarmos. A sua foi uma vida de devoção altruísta.

Uma vida vivida dessa maneira é também o alicerce tanto do namoro quanto do casamento. No casamento, o verdadeiro amor de Cristo envolve serviço altruísta em favor de nosso marido ou esposa.

Uma Importante Questão no Casamento

Além disso, nosso Pai Celestial espera que sejamos prudentes. Quando escolherdes um cônjuge para a eternidade, não deveis apressar-vos, entrando num convênio de tal importância sem conhecer vosso companheiro tanto quanto razoavelmente possível. Casar-vos com uma pessoa que conheceis apenas há pouco tempo é muito imprudente. Primeiramente é preciso testar a fé da pessoa, assim como vossa própria fé. A pessoa é honesta e responsável no cumprimento de seus compromissos? Em outras palavras, é uma pessoa em quem se pode confiar? Esta é uma importante questão no casamento, pois gozar de confiança é mais importante do que ser amado.

Deveis conhecer algo sobre a história de vosso futuro cônjuge e sua família; observar seus hábitos e ideais, e suas experiências passadas. Deveis saber algo a respeito do ambiente no qual a pessoa foi criada.

Casar-se com alguém que sente dificuldade em ser honesto ou para quem é difícil seguir a Palavra de Sabedoria, por exemplo, pensando em *reformar essa pessoa* depois do casamento, é um procedimento muito arriscado. O arrependimento ou mudança precisa ocorrer antes do casamento, não depois. E a transformação deve ser tão completa que haja pouquíssima probabilidade de voltar aos velhos hábitos, após o casamento.

Maus tratos são um outro problema, freqüentemente resultante das experiências de uma pessoa em criança. Quando crianças que sofreram maus tratos se casam, elas tendem a maltratar seus próprios filhos

fisicamente, a menos que a influência sanadora do Salvador lhes tenha indicado um novo caminho. O mesmo acontece com outros tipos de abuso. As crianças que tiveram relações incestuosas, com muita freqüência voltam-se para atividades incestuosas quando se casam.

Estar Preparado para o Casamento

Outra causa de infelicidade no casamento é a imaturidade. Quando as pessoas se casam jovens demais, não estão preparadas física, mental ou financeiramente para as tensões do casamento. Quando nascem os filhos, os deveres e responsabilidades da paternidade e da maternidade pesam no casal. Confrontado com esses tipos de pressão, o jovem casal logo descobre que o amor professado, a atração física e a inclinação romântica não fornecem os meios necessários para a sobrevivência, refeições nutritivas e recursos para enfrentar emergências.

Se estiverdes preparados para a aventura do casamento, este poderá ser uma experiência gloriosa e bela. Mas se sois imaturos e não estais adequadamente preparados, o casamento poderá ser um desastre.

Uma coisa que tenho observado ao examinar histórias de casamentos desfeitos, é que o divórcio raramente resolve problemas matrimoniais. A dor resultante da dissolução de uma família é uma das maiores tragédias do mundo moderno. O efeito traumático que o divórcio causa nos filhos é quase impossível de ser avaliado. Filhos de pais divorciados muitas vezes ficam tão ressentidos que chegam à vida adulta amargos e infelizes. Quando chega o tempo de se casarem, suas chances de conseguirem um casamento feliz são geralmente prejudicadas pela lembrança de dificuldades, brigas e mágoas que observaram no casamento dos pais.

Nenhum Lado Realmente "Vence"

O divórcio também cria outros problemas. Os arranjos financeiros raramente bastam para manter a família, e as mulheres divorciadas geralmente encontram dificuldade para sustentar os filhos; logo surgem ressentimentos e mágoas. Nenhum lado realmente "vence" em um divórcio, e ele raramente pode ser considerado como solução para problemas conjugais.

A maior responsabilidade dos conselheiros matrimoniais é, geralmente, ajudar marido e mulher a se livrarem do ódio e ressentimento acumulado no casamento. A solução quase sempre se encontra no arrependimento e perdão. Ressentimento e raiva levam a atos trágicos.

Ah, se as pessoas pudessem aprender a perdoar! Freqüentemente recorro a Doutrina e Convênios, seção 64, versículo 9: "Portanto, digo-vos, que vos deveis perdoar uns aos outros; pois aquele que não perdoa a seu irmão as suas ofensas, está em condenação diante do Senhor; pois nele permanece o pecado maior."

Devemos lembrar-nos do amor de Jesus, que nos ensinou a sermos bondosos uns com os outros. Disse ele: "Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai Celestial vos perdoará a vós;

Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas." (Mateus 6:14-15.)

A Bondade Pode Restaurar o Amor

Quando, oh, quando, aprenderemos que o amor consegue vencer o ódio, e que bondade e humildade realmente podem restaurar o amor?

Permiti-me dar alguns conselhos àqueles que nunca se casaram, não por culpa própria, ou àqueles que perderam seu cônjuge por morte, divórcio ou abandono. Não vos desespereis nem penseis que tudo está perdido! Lembrai-vos de que sois filhos de Deus. Tende fé em vosso Pai Celestial. Não vos preocupeis com o que sucederá após vossa morte. Não vos preocupeis com quem poderá casar-se convosco ou quem receberá vossos filhos que nasceram no convênio. A morte não acaba com as possibilidades de soluções para o que hoje vos parece um problema muito difícil.

Nossa maior preocupação na vida deve ser apenas a de vivermos uma vida tão semelhante à de Cristo quanto possível. Se perseverarmos numa vida de amor e perdão, a grande história de amor, iniciada na mortalidade por Adão e Eva, poderá também ser a vossa. □

Esta é uma versão condensada de um discurso proferido na Universidade Brigham Young, Provo, Utah.

Ilustração de Larry Winborg

Hector H. Peruzzotti

"Quando coloquei minhas mãos sobre sua cabeça, o Espírito fez-me saber, com muita clareza, que ele havia sido um dos grandes na batalha travada nos céus."

CARLOS D'ANGELO: "SEI QUES

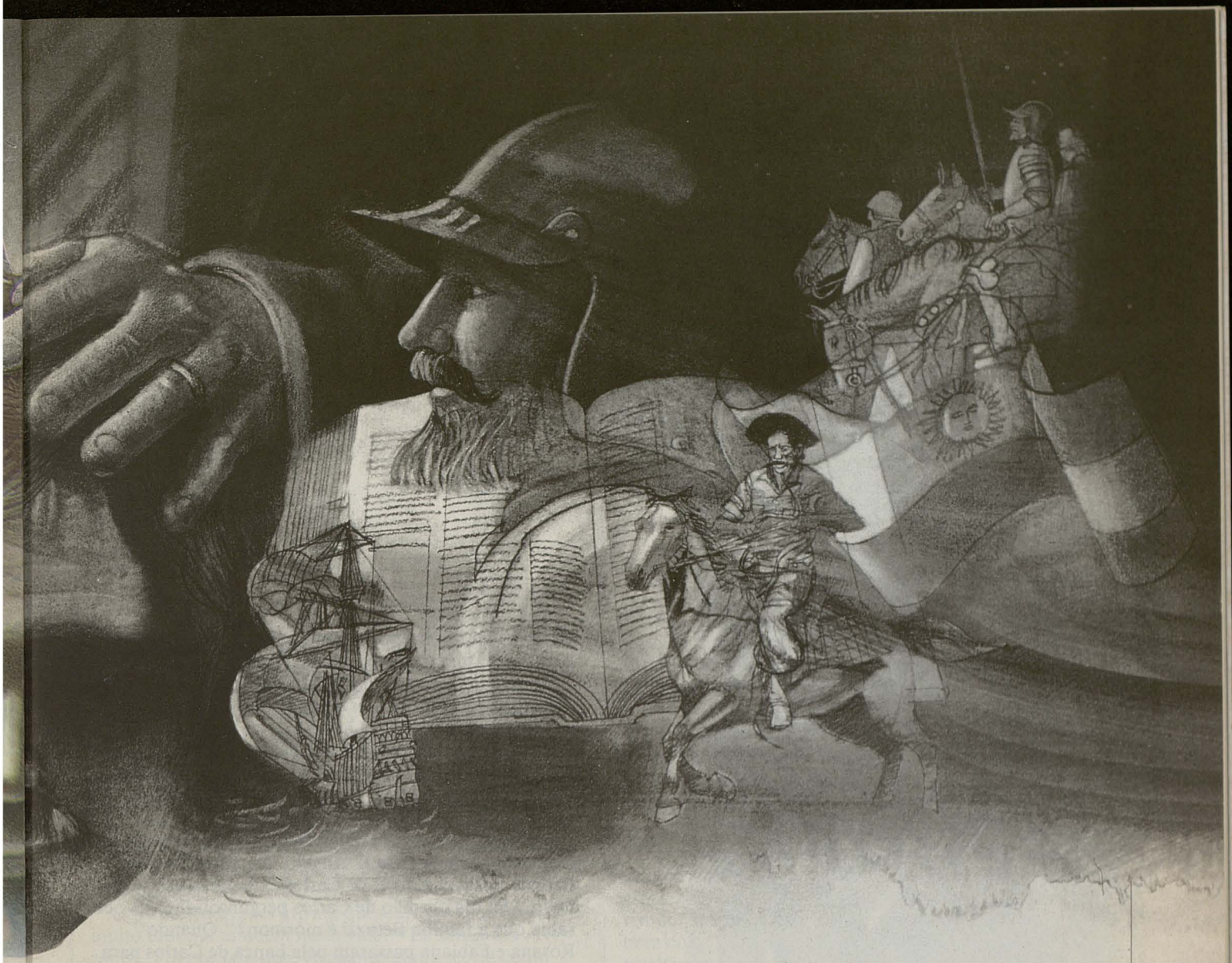
"Para afirmar que você foi provado por Deus, precisa primeiro lutar muito para ser obediente. Na maioria dos casos, as pretensas provações são simplesmente conseqüência de nossos próprios erros, ou de não cumprirmos os mandamentos."

Se estivesse passando por um grupo de pessoas e ouvisse esta afirmação, instintivamente olharia para a pessoa que a proferiu, Carlos D'Angelo. Na verdade, embora ele seja uma pessoa reservada por natureza, Carlos está sempre rodeado de amigos e membros nas reuniões e sessões de liderança da Estaca Mar del Plata Argentina.

Embora tenha apenas trinta e dois anos, ele atrai as pessoas pelo fato de ter desenvolvido virtudes que muitos de nós gostaríamos de ter, acima de tudo, um forte testemunho do Evangelho de Jesus Cristo.

Carlos D'Angelo adquiriu tal testemunho com grande esforço e em escuridão física. Ele nasceu com glaucoma, doença que acabou deixando-o cego aos dez anos de idade. "Acho que aceitei bem a minha cegueira", diz ele. "Mas a atitude da família também é muito importante: o que ela deseja para a criança deficiente, o que faz para incentivar seu desenvolvimento, não a deixando para trás."

Como os pais de Carlos eram surdo-mudos, uma tia os ajudou, levando-o ao médico. "Ela podia explicar as coisas melhor do que papai e mamãe", conta Carlos. "Ela também ajudou quando tive de viajar para Buenos Aires, a fim de freqüêntar uma escola especial para cegos."



SE TENTAR, SEREI ABENÇOADO"

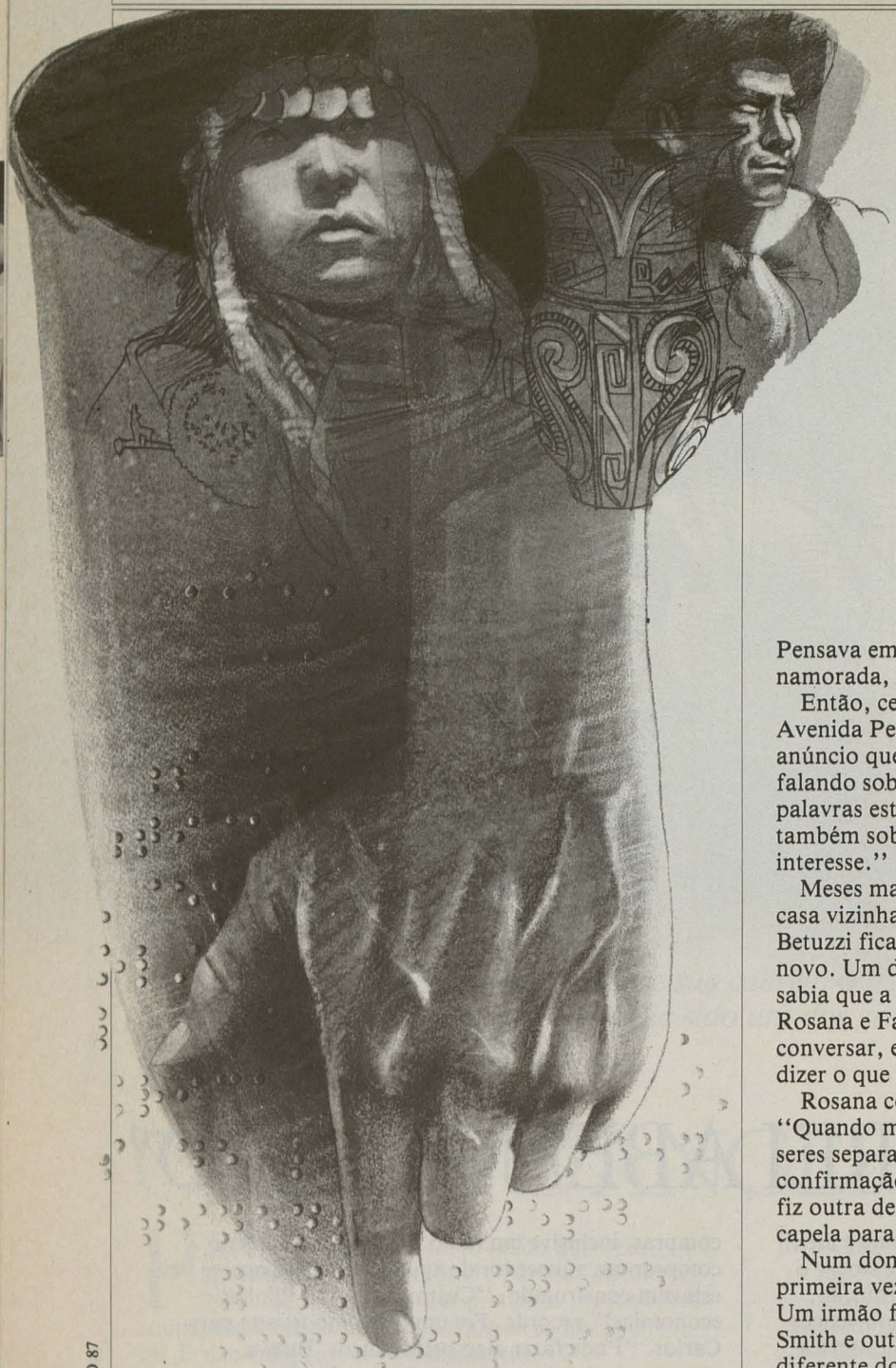
O ano que passou na escola, interno, foi muito difícil para Carlos. Sentiu-se angustiado por ter que trocar o cálido ambiente doméstico, por uma fria instituição, sem os limites e sons familiares. Não conseguiu vencer o trauma da mudança e, no ano seguinte, voltou para casa.

Mas Carlos continuou a sonhar que um dia voltaria a estudar. Diz ele: "A necessidade de saber, compreender o que acontece ao seu redor e além, o compele a procurar vencer qualquer limitação."

Carlos começou a trabalhar assim que saiu da escola, primeiro distribuindo cartas para uma companhia de crédito, depois como mensageiro de uma agência de publicidade, e mais tarde moldando argila para uma fábrica de cerâmica. Com seus ganhos fez algumas compras, inclusive um rádio. Conseguiu também comprar um aquecedor de água para a casa que os pais estavam construindo. "Custou-me todas minhas economias", recorda. Foi um feito importante para Carlos. "Pude fazer algo pelos outros. Estava comprando água quente para toda a família, o que me fez sentir feliz, útil e igual aos outros."

Esses sentimentos geraram outros frutos. Com a confiança renovada, retomou os estudos interrompidos. Também, com o auxílio de um tio e uma tia, abriu sua própria banca onde vendia bolachas, doces e cigarros.

Durante esse período, Carlos vivia de um dia para o outro. "Eu não pensava no futuro," recorda ele. "Trabalhava, tinha minha banca e planejava ampliá-la.



Pensava em talvez encontrar uma moça, ter uma namorada, mas não muito mais que isso."

Então, certa tarde, na sua banca de doces na Avenida Pedro Luro, Carlos ouviu no rádio um anúncio que chamou sua atenção. "O locutor estava falando sobre uma conferência de área. Disse algumas palavras estranhas, como *élder* e *Melquisedeque*. Falou também sobre um profeta, e isso despertou meu interesse."

Meses mais tarde, a família Betuzzi mudou-se para a casa vizinha da família D'Angelo. As filhas do casal Betuzzi ficaram amigas de Carlos e de seu irmão mais novo. Um dia o irmão de Carlos perguntou-lhe: "Você sabia que a família Betuzzi é mórmon?" Quando Rosana e Fabiana passaram pela banca de Carlos para conversar, ele perguntou: "A propósito, querem-me dizer o que são mórmons?"

Rosana começou a explicar o evangelho a Carlos. "Quando me falou que Deus, o Pai, e Jesus Cristo são seres separados, senti uma coisa especial, como a confirmação de algo que já sabia." Carlos ri: "Depois fiz outra de minhas perguntas: — Será que posso ir à capela para aprender mais?"

Num domingo de 1979, ele foi à ala local pela primeira vez. A reunião era sobre a obra missionária. Um irmão falou sobre a primeira visão de Joseph Smith e outro sobre a vida familiar. "Tudo foi muito diferente do que eu esperava, mas gostei."

Desde aquela primeira visita, Carlos D'Angelo jamais deixou de freqüentar a Ala Monolito. Algumas semanas mais tarde, Carlos assistiu à primeira reunião de testemunhos. Embora ainda não tivesse ouvido as palestras missionárias, Carlos sentiu-se inspirado a expressar os novos sentimentos que estavam crescendo dentro dele. "Expliquei que embora não fosse membro da Igreja, sentia-me bem ali. Disse à congregação que me sentia grato por sua aceitação e tinha a sensação de

que o que ouvira poderia ser a verdade.''

Na semana seguinte recebeu sua primeira palestra, de Daniel Rodrigues, líder missionário da ala. Um mês depois da última palestra, Carlos foi batizado. Daniel Rodrigues que foi chamado como bispo da Ala Monolito alguns meses após o batismo de Carlos, recorda: ''Certa vez, quando estava dando uma das palestras a Carlos, ele se sentiu mal. Decidi dar-lhe uma bênção. Quando coloquei minhas mãos sobre sua cabeça, o Espírito fez-me saber, com muita clareza, que ele havia sido um dos grandes na batalha travado nos céus. Eu senti isso, e o disse.''

O Bispo Rodrigues afirma que Carlos é uma pessoa muito especial também nesta vida. ''Eu sempre o soube. Foi por isso que, enquanto ainda servia como setenta, pedi que ele fosse meu assistente.'' Quando Carlos recebeu o Sacerdócio de Melquisedeque, foi chamado como líder missionário temporário, e depois como setenta. Ao mesmo tempo, ele servia como secretário-executivo da ala. O Bispo Rodrigues recorda: ''Carlos demonstrou sua dedicação ao trabalho perdendo apenas duas ou três reuniões em quase quatro anos, e isso porque estava doente.'' Com seu equipamento Braille, Carlos manteve todas suas responsabilidades sob perfeito controle. ''Jamais deixou alguma coisa sem registrar ou arquivar,'' diz o Bispo Rodriguez.

Alguns anos após ter sido batizado, ele terminou sua instrução secundária com excelentes notas. Depois, com o auxílio de alguns membros da Igreja, se especializou, por um curto período de tempo, como bibliotecário de cegos na cidade de La Plata. Agora, está realizando o sonho de sua vida, estudando para se tornar professor universitário de História.

O Irmão Roberto Di Flavia, ex-conselheiro do Bispo Rodriguez, é companheiro de estudos de Carlos. Ele e a esposa, Mabel, reúnem-se frequentemente com Carlos para ler os textos que Carlos memoriza com incrível facilidade. Também várias vezes por mês, eles gravam lições em cassetes para Carlos estudar em casa.

Em 29 de março de 1986, Carlos recebeu seu endowment no Templo de Buenos Aires. E aqueles que o conhecem bem, sabem que sua capacidade natural de luta está crescendo dia a dia.

Sua determinação é fruto de seu grande testemunho que ele presta sempre que tem oportunidade. Diz ele: ''Quando fui chamado para ser setenta, recebi uma grande responsabilidade. Necessito ser uma testemunha especial de Jesus Cristo, para testificar dele todo o tempo. Para isso preciso ter um relacionamento muito bom com o Salvador. Preciso conhecê-lo bem e também esforçar-me para viver de acordo e com seus ensinamentos. Sei que, se lutar para fazer o que é certo e obedecer aos mandamentos, serei abençoado. Isto é certo, porque Deus, que nos ama, nos dá o potencial e a capacidade de realização. Nós apenas precisamos esforçar-nos.''

Esse esforço transformou Carlos numa luz para muitos. Como diz o Irmão Di Flavia: ''Carlos não é apenas um exemplo teórico, tão comum em conversas ou discursos. Ele é um exemplo vivo, uma força que nos impele a imitá-lo e a conseguir, na vida, aquilo que todos nós desejamos alcançar: exaltação com nosso Pai Celestial.''

Na Estaca Mar del Plata Argentina, todos aqueles que conhecem o zelo de Carlo D'Angelo, esperam vê-lo como professor universitário de História quando terminar seus estudos, daqui a poucos anos. Primeiro ele terá de lutar contra os atuais regulamentos que proibem os cegos de lecionar. Mas ele sabia disso quando começou seus estudos, e aceitou o desafio. Na verdade, ele já está escrevendo ao presidente da república.□

ALGUNS CONSELHOS PARA OS CASADOS SOBRE SUA CONSIDERAÇÃO PARA COM OS SOLTEIROS

CASADOS E SOLTEIROS PODEM TRABALHAR JUNTOS PARA QUE TODOS APROVEITEM AS BÊNÇÃOS DA ATIVIDADE NA IGREJA

Kathlenn Lubeck

George Merrill jamais pensou que acontecesse com ele. Vira acontecer a outros, quando servira como presidente de estaca, presidente de missão e Representante Regional. Mas foi pego de surpresa.

Após trinta e oito anos de casamento, o Irmão Merrill estava novamente solteiro. Sua esposa falecera.

"Se você jamais perdeu a companheira ou companheiro, é difícil compreender o que isso significa", diz ele. "Não gostamos de pensar nisso, mas quando somos casados, estamos apenas a um passo de ficarmos solteiros. Se pensássemos em como seria, compreenderíamos melhor o que os solteiros experimentam." A esposa de Irmão Merrill morreu há três anos; agora ele está novamente casado.

Cresce o Número das Pessoas Sós.

A experiência do Irmão Merrill está longe de ser única. É muito comum na Igreja encontrarmos pessoas solteiras, especialmente mulheres. Cerca de um terço de todos os membros casados da Igreja, estará divorciado ou viúvo antes dos sessenta anos. Em algumas áreas geográficas, a porcentagem de solteiros é ainda maior.

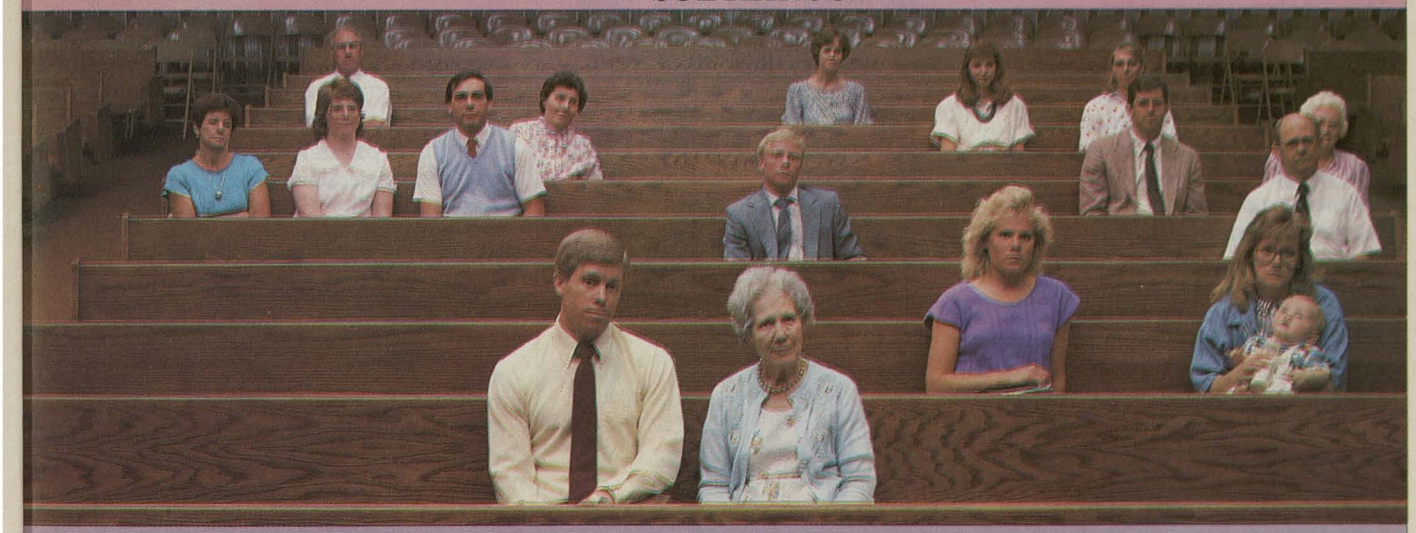
"Costumava-se pensar que na Igreja, todas as pessoas que desejavam casar-se, o conseguiriam", diz Marie Cornwall, professora assistente de sociologia, na Universidade Brigham Young, Provo, Utah. "Mas cresce cada vez mais o número de santos dos últimos dias solteiros."

O perfil demográfico da Igreja também está mudando. O número de membros divorciados aumenta, aumentando assim o número de pais e mães solteiros ou sozinhos. Não há tantos homens solteiros quanto mulheres. E agora está-se tornando demograficamente impossível um número significativo de mulheres SUD ativas casar-se com homens SUD, especialmente em áreas onde há mais não-membros do que membros; elas têm de fazer a escolha de não se casar ou casar-se com alguém que não é membro da Igreja. Para cada cem mulheres solteiras ativas, com trinta anos de idade ou mais, existem apenas dezenove homens solteiros ativos.

Com o grande número de pessoas solteiras na Igreja, ajudá-las a integrar-se em alas e ramos tradicionais freqüentemente se torna um desafio. É importante ser aceito como parte de uma ala

CASADOS

SOLTEIROS



JUNTOS

Fotografia de Steven Bunderson

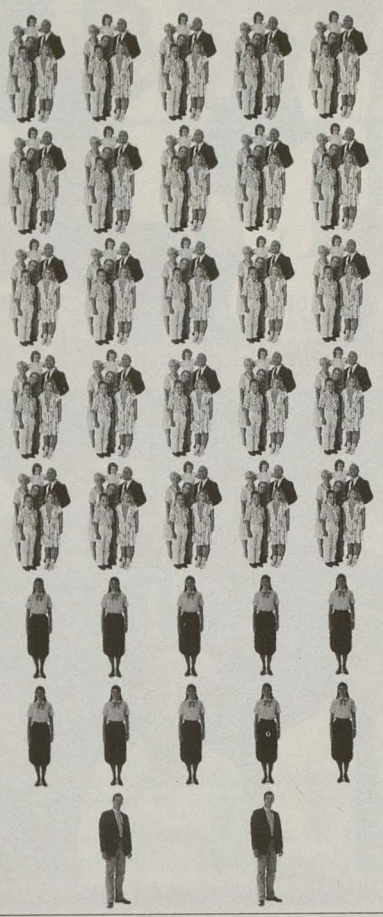
ou ramo, assim como ter oportunidade de servir outros membros.

O Senso de Pertencer

O primeiro passo para se adquirir o senso de pertencer, diz Jolayne Wilson, é tomar a iniciativa. É isso que precisa fazer o membro solteiro. "Como membro novo de nossa ala, fiz questão de conversar com o bispo na semana em que me mudei. Disse-lhe que estava pronta para trabalhar e tornar-me parte da ala. Não demorou muito para que eu tivesse o cargo de supervisora das professoras visitantes, o que me deu oportunidade de conhecer uma porção de gente. Eu realmente amava aquela ala, porque me sentia parte dela. E os membros da ala imediatamente fizeram com que me sentisse bem-vinda. Eles me trataram como um membro valioso da sua unidade."

Elizabeth Shaw Smith, membro de uma ala de solteiros antes de seu recente casamento, aprendeu a mesma coisa. "Se você for amigável, outras pessoas serão gentis com você. Se for para a Igreja preparada para trabalhar, para ter um cargo, para falar com as pessoas, não se preocupando apenas consigo mesma, as pessoas a aceitarão e reagirão positivamente a sua presença."

Quais são algumas formas de ajudar os membros solteiros a se sentirem bem-vindos? É difícil generalizar como *todos* os solteiros gostariam de ser tratados, uma vez que as necessidades variam assim como variam nas pessoas casadas. Eis algumas sugestões, contudo, que podem auxiliar os solteiros a se sentirem amados, aceitos e valorizados, independente de onde vivam.



1. Tratar os solteiros como amigos, iguais e adultos.

A amizade não conhece limites de idade, nacionalidade ou estado civil. Trabalhando juntas no evangelho, as pessoas têm grandes oportunidades de criar laços de amizade e interesses comuns.

Às vezes, entretanto, atitudes inconscientes podem tornar isso mais difícil. Por exemplo: "Os homens solteiros são, às vezes considerados iníquos, num sentido geral", diz o membro solteiro Ralph Finlayson. "Algumas pessoas parecem sentir que, sendo solteira, deve haver algo errado com a pessoa. Essa atitude pode ser dolorosa para o solteiro. Quase todos os solteiros, incluindo os homens, prefeririam estar bem casados."

"Conheço um homem com cinco filhos que foi desobrigado de seu chamado na ala quando se divorciou", diz o Irmão Merrill. "Ele sentiu-se rejeitado pela igreja; sentiu como se ninguém quisesse ao menos sentar-se ao lado dele."

2. Pedir aos solteiros que sirvam em chamados da Igreja.

"É importante fazer chamados significativos aos solteiros qualificados e dignos", afirma o Irmão Merrill. "Eles precisam ter oportunidade de servir de forma proveitosa."

"Em minha estaca temos conselheiros de bispado solteiros, vários sumo conselheiros solteiros e mulheres solteiras que são presidentes de auxiliares", conta a Irmã Smith. "Nossos líderes locais do sacerdócio descobriram por experiência, que os solteiros são dignos, competentes e um grande recurso."

3. Incluir solteiros em atividades de ala e estaca.

Às vezes os solteiros são ignorados e não convidados para festas da ala ou do quorum, para excursões ao templo ou outras atividades. Ou, se são convidados, podem sentir-se pouco à vontade indo sozinhos.

"Se a ala estiver promovendo festas do quorum de élderes ou sumo sacerdotes, os solteiros de idade correspondente devem ser lembrados e convidados", diz o Irmão Merrill. "E é importante convidá-los para ir com você e sua

esposa. Às vezes eles relutam em ir sozinhos, ou acham que a atividade é apenas para casais.''

O Irmão Merrill afirma que as necessidades dos solteiros são um tanto diferentes das dos casados. ''Temos que oferecer-lhes oportunidades de conhecerem outros solteiros, de uma forma significativa. Conferências, serões e atividades sociais são ótimas, mas os solteiros necessitam da oportunidade de servirem juntos, assim como fazem os casais.''

4. Ser sensível ao fato de que muitos membros adultos não são casados.

''Somos uma Igreja voltada para a família, e é assim que deve ser'', diz o Irmão Merrill. ''Mas muitas vezes, nós, dizemos e fazemos, não intencionalmente, coisas que tendem a afastar os solteiros.''

Em determinada ala, somente pessoas casadas eram convidadas para oferecer orações na reunião sacramental. Em outra, era feito um anúncio de treino de voleibol para ''adultos'' e para ''solteiros''. Em outras alas, os quoruns ou professoras da Sociedade de Socorro muitas vezes dirigiam suas aulas aos casados.

Certa irmã solteira, beirando os quarenta anos, detesta as entrevistas para receber sua recomendação para o templo, porque alguém da presidência da estaca sempre lhe pergunta: ''Você é uma mulher atraente, então por que ainda não se casou?'' Essa pergunta é sempre acompanhada de outras específicas a respeito de sua vida social rotineira. É doloroso para ela, pois adoraria estar casada. Contudo, a escolha não foi sua.

''Da mesma forma que casais que não tiveram filhos apreciam a sensibilidade das pessoas que não lhes perguntam constantemente por que ainda estão sem filhos, os membros solteiros apreciam a sensibilidade daqueles que não lhes fazem perguntas sobre seu estado civil'', explica Marie Cornwall.

5. Ter consciência das necessidades especiais dos solteiros.

''Os solteiros podem necessitar de mais atenção que os casados em geral. Uma porção de pessoas solteiras vive sozinha. Podem precisar de alguém com quem fazer coisas ou com quem conversar'', observa o Irmão Merrill.

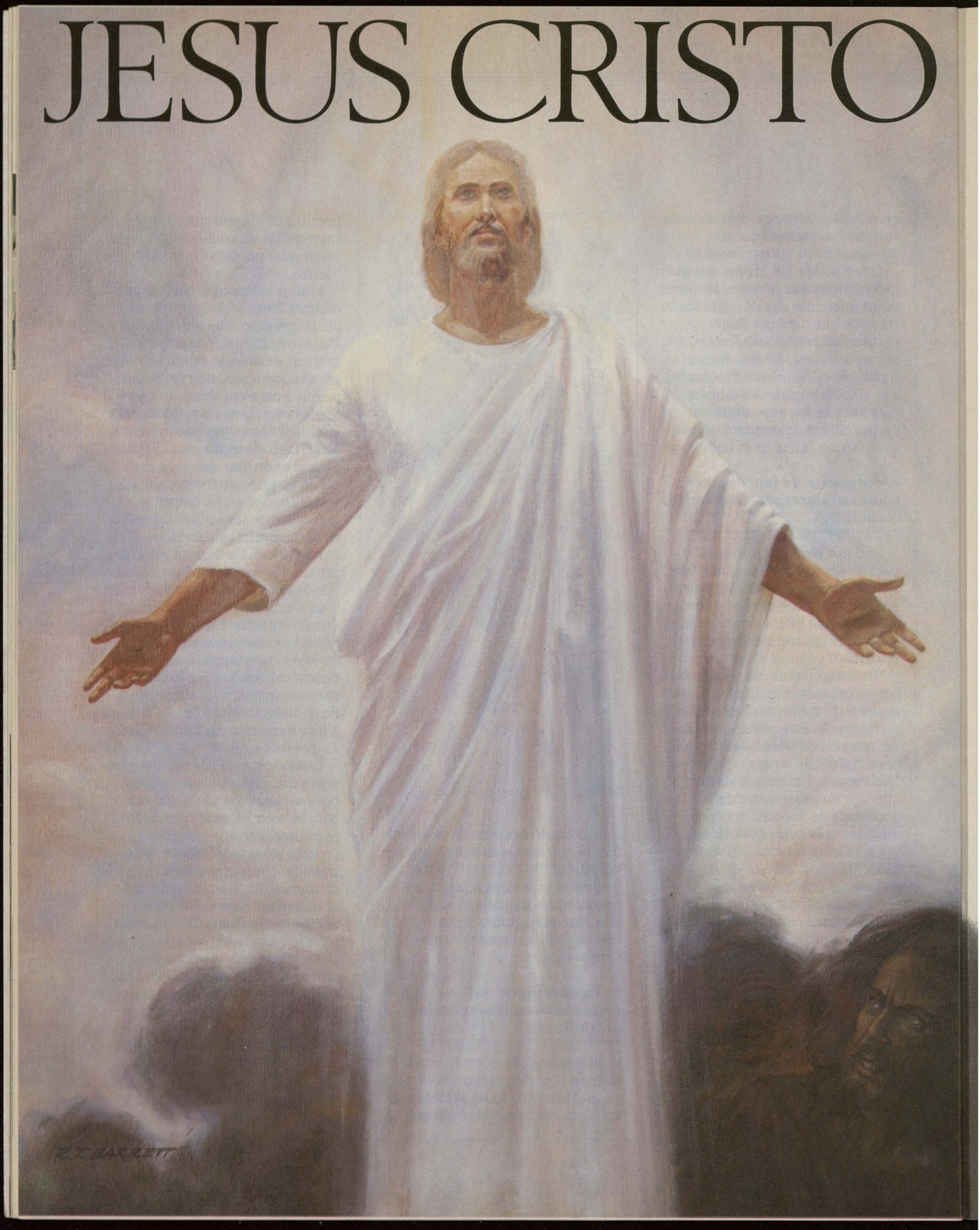
Muitos solteiros necessitam de mestres familiares ou professoras visitantes especialmente solícitos. Por exemplo, u'a mãe só pode precisar de mestres familiares que sirvam como modelo masculino positivo para um filho adolescente, que o convidem para atividades esportivas ou eventos sociais. Homens sós, com filhos, podem necessitar de ajuda em coisas que não estão acostumados a fazer sozinhos; os que estão separados de seus filhos talvez se sintam tristes e solitários.

As pessoas casadas geralmente acham que os solteiros têm poucas responsabilidades e levam uma vida simples, diz a Irmã Cornwall. Geralmente não é o caso. ''Como não há um companheiro para dividir as tarefas cotidianas, a pessoa solteira precisa fazer tudo sozinha, inclusive ganhar a vida. Fazer tudo é difícil, particularmente para uma pessoa só que tenha filhos.''

Uma ala em que as pessoas são sensíveis às necessidades alheias pode ser uma grande ajuda tanto para os membros casados quanto para os solteiros. O sucesso começa pela consideração, pelo trabalho conjunto, pela comunicação, e também de não se ofender facilmente. Não existem princípios do evangelho distintos para solteiros e casados; todos estão ativamente edificando o reino juntos. O amor a Deus, e de uns pelos outros, é o alicerce de todo progresso eterno. □

Kathleen Lubeck, uma irmã solteira, é gerente de destaques nas revistas, no Departamento de Comunicações Públicas da Igreja e membro da Junta Geral das Moças. Ela pertence à Ala Granger Dezoito, Estaca Granger Salt Lake.

JESUS CRISTO



PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral respondidas à guisa de orientação, e não como pronunciamento oficial da Igreja.

Como podem Jesus e Lúcifer ser espíritos irmãos, quando seu caráter e propósitos são tão opostos?

Jess L. Christensen, diretor do Instituto de Religião na Universidade de Utah, Logan, Utah.

Quando as pessoas ouvem pela primeira vez a doutrina de que Lúcifer e nosso Senhor Jesus Cristo são irmãos, podem surpreender-se, especialmente se não tiverem conhecimento das revelações modernas. Mas tanto as escrituras quanto os profetas afirmam que Jesus Cristo e Lúcifer são, verdadeiramente, filhos de nosso Pai Celestial e, portanto, espíritos irmãos. Jesus Cristo estava com o Pai desde o início. Lúcifer, também, era um anjo "que possuía autoridade perante Deus", um "filho da alva". (Ver D&C 76:25-27; Isaías 14:12.) Tanto Jesus quanto Lúcifer eram líderes fortes, com grande conhecimento e influência. Mas, como Primogênito do Pai, Jesus era o irmão mais velho de Lúcifer. (Ver D&C 93:21.)

Como puderam dois espíritos tão grandes tornar-se totalmente opostos? A resposta se encontra no princípio do livre-arbítrio, que existe por toda a eternidade. (Ver D&C 93:30.) Sobre Lúcifer, a escritura diz que, por motivo de rebelião, "ele se tornou Satanás, sim, o próprio diabo, o pai de todas as mentiras". (Moisés 4:4.) É importante observar que ele não foi criado mau, mas *tornou-se* Satanás por sua própria escolha.

(Não é incomum irmãos fazerem escolhas drasticamente diferentes. Tem acontecido freqüentemente: Caim preferiu servir Satanás; Abel quis servir a Deus. [Ver Moisés 5:16-18.] Esaú "desprezou a sua primogenitura"; Jacó desejava honrá-la. [Gênesis 25:29-34.] Os irmãos de José procuraram matá-lo; ele procurou preservá-los. [Gênesis 37:12-24; 45:3-11.])

É irônico que o livre-arbítrio pelo qual Lúcifer se rebelou é o próprio dom que ele tentou tirar do homem. Sua proposta era que todas as pessoas fossem forçadas a retornar à presença de Deus. (Ver Moisés 4:1,3.) Mas o princípio do livre-arbítrio é fundamental para a existência e progresso dos seres inteligentes: ao fazermos escolhas sábias, recebemos mais luz e verdade. Por outro lado, as escolhas erradas — como a de Satanás — detêm o progresso e podem até nos privar das bênçãos que já temos. (Ver D&C 93:30-36.)

A fim de progredir, portanto, precisamos ter a oportunidade de escolher entre o bem e o mal. É interessante observar que Satanás e seus anjos — aqueles que se opuseram ao livre-arbítrio — tornaram-se o oposto do que é bom.

Embora o Pai tenha permitido que Satanás e seus anjos tentassem a humanidade, deu a cada um de nós a capacidade de resistir às tentações. (Ver I Coríntios 10:13.) Ele também nos concedeu a dádiva da Expiação.

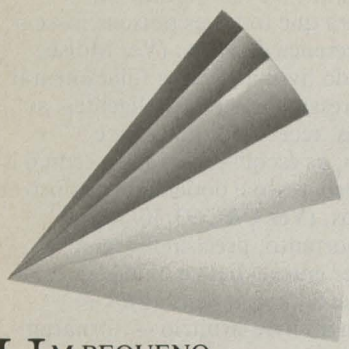
Quando o Senhor colocou inimizade entre os filhos de Eva e o demônio, foi dito a Satanás que ele feriria o calcanhar da semente de Eva, mas a semente dela feriria (ou esmagaria) sua cabeça. (Ver Moisés 4:21.) Em outras palavras, Satanás feriria o calcanhar do Salvador levando os homens a crucificá-lo, mas, através de sua morte e ressurreição, Cristo venceria a morte por todos nós; e, por meio de sua expiação, ele nos oferece um meio de escaparmos às conseqüências eternas do pecado e retornarmos à presença de nosso Pai Celestial. Desta forma, os planos de Satanás foram frustados e, ele acabará sendo julgado, preso e atirado no inferno para sempre. (Ver D&C 29:26-29; Apocalipse 20:1-10.)

Podemos imaginar a dor de nosso Pai Celeste ao ver um filho amado começar e liderar uma rebelião, perdendo sua oportunidade de exaltação. Mas podemos também imaginar o júbilo e o amor do Pai ao receber de volta o filho amado que, com valentia e perfeição lutara as batalhas da vida e executara a grande Expiação com seu sofrimento e morte. □

Ilustração de Robert T. Barrett

LÚCIFER

PERCEPÇÕES



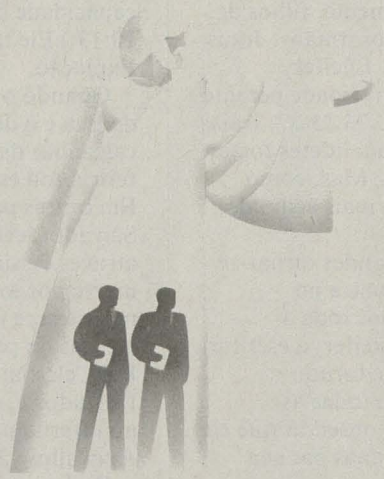
UM PEQUENO PENSAMENTO PODE LEVAR A CONSEQÜÊNCIAS ENORMES

"Certo dia aproximei-me de uma grande porteira. Levantei o ferrolho e a abri. O movimento foi tão pequeno que mal deu para notar. Mas a outra extremidade da porteira traçou um grande arco de cinco metros de raio. Olhando apenas para o movimento das dobradiças, uma pessoa jamais sonharia com a ação ampla resultante daquele minúsculo movimento.

Assim acontece com as decisões de nossa vida. Um pequeno pensamento, uma pequena palavra, um pequeno ato, podem levar a conseqüências enormes." (Gordon B. Hinckley, *Ensign*, setembro de 1985, p. 3.)

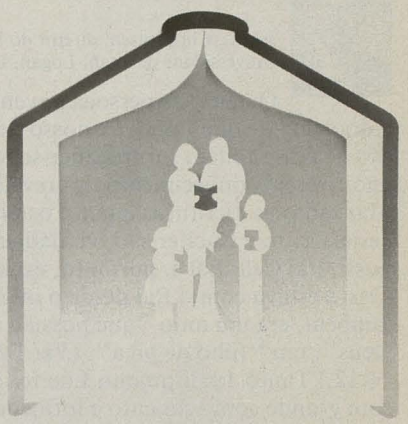
SEM O ESPÍRITO SANTO SERÍAMOS ESPIRITUALMENTE NATIMORTOS

"Sem o sacrifício expiatório de Jesus Cristo, o batismo não passaria de um ritual morto. O batismo sozinho não nos pode salvar. As obras apenas não nos podem salvar. O batismo precisa ser acompanhado da concessão do Espírito Santo, que nos torna espiritualmente vivos, da mesma forma que Deus soprou em Adão o fôlego da vida quando ele foi criado. Sem o Espírito Santo, seríamos espiritualmente natimortos e não teríamos poder para entrar na presença de Deus, o Pai Eterno." (Theodore M. Burton, discurso devocional, Universidade Brigham Young.)



QUANDO ESTÃO EM MISSÃO, ELE OS MANDARÁ AGIR EM SEU NOME

"Estou certo, rapazes, de que o Senhor não tem melhor lugar para conhecê-los do que quando o servem no campo missionário. Quando estão em missão, ele os mandará agir em seu nome, dar-lhes-á experiência com o poder do Espírito Santo. Ele os autorizará a ensinar, a converter e depois realizar as sagradas ordenanças de salvação em seu nome. Ele chegará a conhecê-los bem. Saberá que pode confiar em vocês. Ele os ajudará a aprender as lições que os qualificarão para a grande obra que terão de executar ao fazerem sua parte na divulgação da mensagem da Restauração a todas as pessoas do mundo." (Élder M. Russell Ballard, *A Liahona*, julho de 1985, p. 47.)



A LEITURA FERVOROSA DO LIVRO DE MÓRMON FARÁ COM QUE O PURO AMOR DE CRISTO ABUNDE EM NOSSO LAR.

"Estou convicto de que, se os pais lerem o Livro de Mórmon regular e fervorosamente no lar, tanto a sós como com seus filhos, o espírito desse grande livro acabará impregnando nosso lar e todos os que nele habitam. Aumentará o espírito de reverência, como também o respeito e consideração mútuos. Desaparecerá o espírito de desavença. Os pais aconselharão seus filhos com mais amor e sabedoria. Os filhos acatarão melhor o conselho paterno. Haverá mais retidão. Fé, esperança e caridade — o puro amor de Cristo — abundarão em nosso lar e em nossa vida, trazendo paz, alegria e felicidade." (Marion G. Romney, *A Liahona*, outubro de 1980, p. 106.) □

FELICIDADE AO LONGO DO CAMINHO

Mildred Barthel

Pela perspectiva eterna, grande parte de nossa impaciência conosco mesmos e com os outros se prende a preocupações mundanas.

Os amarilhos balançavam no relvado da campina, numa noite de Natal há muito tempo atrás, enquanto uma jovem mãe olhava pela única janela de sua pequenina casa. Ela sabia que o Natal seria uma decepção para seus filhos, a menos que descobrisse um jeito de criar algo que o transformasse numa lembrança feliz para eles.

Ao ler para as crianças a familiar história de Natal, no livro de Lucas, teve uma idéia. Colocou os filhos na cama, e mergulhou numa atividade criativa. Apanhou alguns amarilhos e formou com eles uma "árvore"; depois recortou das capas de catálogos enfeites vivamente coloridos, que prendeu aos ramos com lã. Com um pedaço de renda, fez um ornamento em forma de rosa para colocar no topo da sua árvore. Finalmente, encheu diversos pratinhos, um para cada filho, com pequenas porções de passas e um bilhetinho, dizendo o quanto o amava.

Essa mãe não desperdiçou energia desejando aquilo que lhe era impossível conseguir. Criou uma alegre comemoração com os ingredientes encontrados em seu humilde ambiente. O princípio que orientou essa jovem mãe anos atrás, ainda é válido. Nós temos escolhas eternas diante de nós, e um tempo determinado, na vida mortal, para fazê-las.

"Fiz o Melhor" "Porque é necessário que haja uma oposição em todas as coisas... o homem não poderia agir por si mesmo a menos que fosse atraído por uma ou outra coisa." (2 Néfi 2:11, 16.)

A pobreza ou doença podem fazer parte de nossa vida, mas ficar remoendo nossos problemas é restringir nosso desenvolvimento em outras áreas.

Pensamos muito a respeito da felicidade em épocas de provação, quando ficamos imaginando como viver os nossos "hojes" com honra e bom-humor. Freqüentemente, fazer aquilo que precisa ser feito, é a coisa certa. Mais tarde, quando olharmos para trás, poderemos afirmar: "Fiz o melhor", e o tempo transformará a provação numa lembrança honrosa.

Ilustração de Allen Garns

Nós não escolhemos nossas provações, mas certamente temos o livre-arbítrio de determinar nossa atitude em relação a elas. Comecei a aprender esta lição quando, aos dez anos de idade, minha tarefa era descascar batatas para o jantar, todas as noites. Em respostas a minhas queixas diárias, vovó me dizia que o melhor seria eu aprender a gostar do meu trabalho, porque, de qualquer forma, teria que fazê-lo. Outra vez, uma tia que nos visitava tocou meu ombro e sorriu: "Isto também vai passar." Essa sabedoria tem-me auxiliado a vencer anos de tarefas desagradáveis e tediosas.

Dê Espaço para o Progresso. É muito comum, enquanto lutamos para enfrentar os desafios da vida, nós nos criticarmos de forma negativa. A negatividade vai-se tornando cada vez mais forte, até nos

enxergarmos como pobres criaturas portadoras de poucas aptidões ou dons. Precisamos compreender que sempre teremos problemas na vida. Temos de ser pacientes conosco mesmos, enquanto nos desenvolvemos e aprendemos a enfrentar os desafios que a vida nos lança.

A pobreza ou doença podem fazer parte de nossa vida, mas ficar remoendo nossos problemas é restringir nosso desenvolvimento e assegurar mais tropeços que o necessário. Quando nos ocupamos pensando sobre como nossa vida "deveria ser", não nos resta tempo ou energia para qualquer coisa.

Procure os Pontos Positivos. Num certo ponto de sua vida, minha filha achou que a felicidade estava sempre um pouco além do seu alcance. Ela terminara o segundo grau cedo, achando que a faculdade seria sua felicidade. Mas a escola não foi o que ela esperava. Então pensou que certamente seria feliz fazendo missão, mas ficou surpresa ao constatar sua incapacidade de enfrentar as complexidades desse trabalho.

Então certa noite, minha filha missionária anotou em seu diário o compromisso de encontrar algo positivo em cada experiência que enfrentasse, e de cultivar o senso de humor a respeito dos eventos diários. Para sua grande alegria, descobriu que felicidade é uma escolha consciente, não uma reação automática. Doze anos depois, ela ainda está aplicando esse princípio como mãe de cinco filhos.

Se eu ficasse concentrando minha atenção em decepções passadas, minha vida seria realmente triste.

Deixe o Passado no Passado. Naturalmente, todos nós nos encontramos em condições longe das ideais, em nossa provação mortal. Ainda assim, precisamos deixar o passado no passado, e enfrentar cada novo dia como uma nova oportunidade de realização.

Por exemplo, cresci num lar sem mãe, onde aconteciam abusos físicos, verbais e sexuais. O cristianismo era ensinado, mas a bondade era rara. Após o casamento, não tive filhos durante cinco anos; depois nasceu um e adotei mais seis, a fim de ter a família numerosa com o qual sonhara. Meu marido adoeceu e morreu logo depois que as crianças cresceram, exatamente no momento em que poderíamos pensar em fazer uma missão e aproveitar a velhice juntos.

Se eu ficasse concentrando minha atenção em decepções passadas, minha vida seria realmente triste. Mas, há muito tempo atrás, tomei a decisão de servir o Senhor independente da situação em que me encontrasse. Quando fico tensa, procuro imaginar como o que estou pensando me ajudará a tornar-me mais celestial. Ao lado da oração, isto me ajuda a enfrentar e vencer os aspectos negativos de minha vida.

"Esperança Resplandecente". Para mim, a mensagem contida em 2 Néfi 31:20 contém a esperança de que necessito em meus esforços diários: "Deveis, pois, prosseguir para a frente com firmeza em Cristo, tendo uma esperança resplandecente e amor a Deus e a todos os homens. Portanto, se assim prosseguirdes, banqueteando-vos com a palavra de Cristo e perseverando até o fim, eis que, diz o Pai: Tereis vida eterna."

Fique aberto ao senso de humor capaz de iluminar uma noite escura.

Mesmo quando nos sentimos fracos, esta meta de banquetearmo-nos e perseverarmos, vale esforços contínuos. Com bom-humor e honra, podemos vencer todos os obstáculos e sair vitoriosos. Do ponto de vista da eternidade, grande parte de nossa impaciência conosco mesmos e com os outros se prende a coisas triviais.

Pelo fato de encarar a vida tão seriamente, levei anos para perceber que um saudável senso de humor ajuda a dar perspectiva à visão que tenho de minha identidade espiritual como filha de Deus que procura atingir meu potencial celeste.

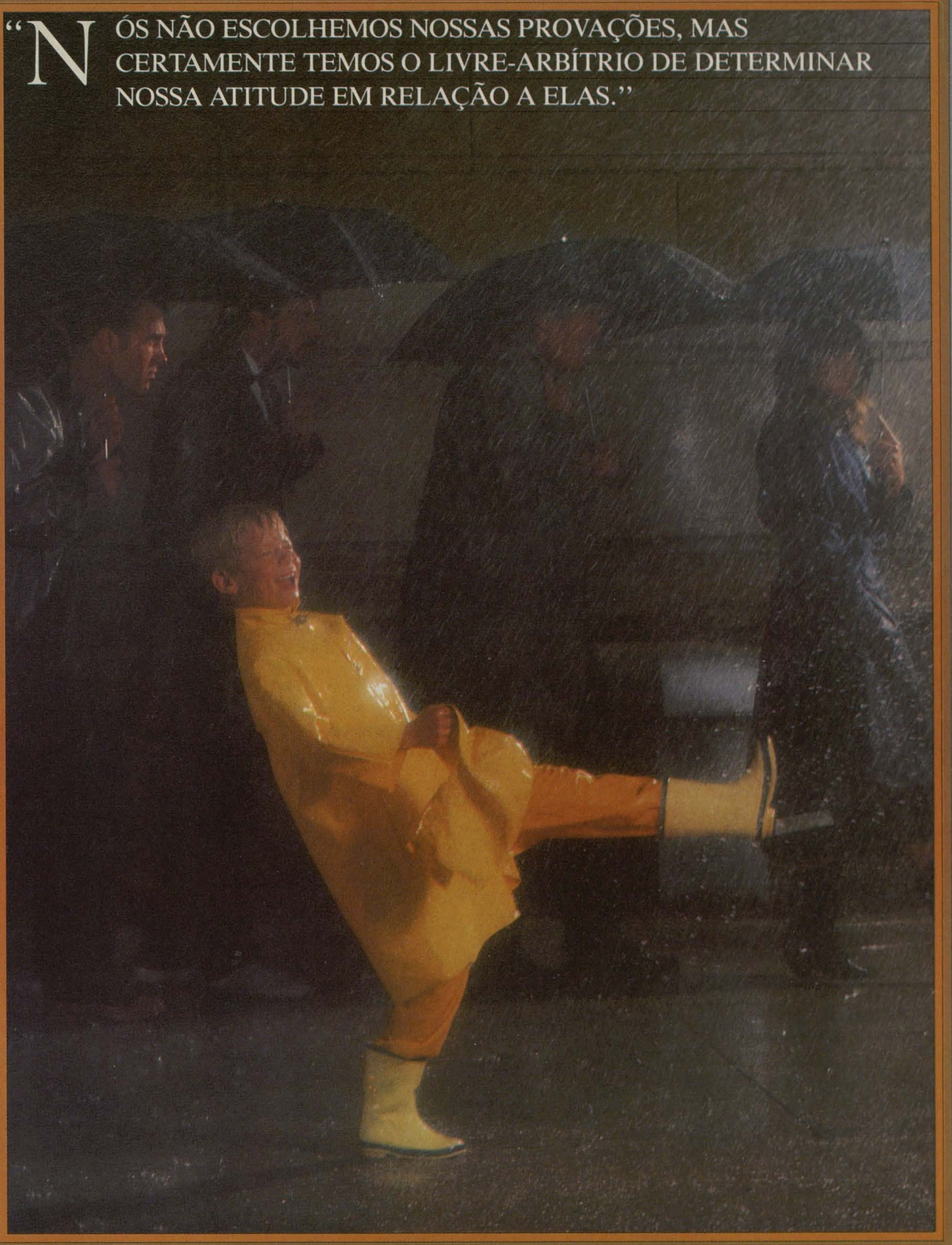
Nosso primeiro acampamento nas montanhas acabou sendo, para mim e minha família, uma experiência em que tivemos de transformar a frustração em risadas. Quando o frio da noite penetrou em nossa barraca, vestimos todas as malhas e casacos que havíamos levado, metemo-nos nos sacos de dormir e ficamos juntinho uns dos outros para nos aquecer. Podíamos ouvir outras famílias preparando suas barracas para o frio da noite. Finalmente, tudo ficou silencioso no acampamento. Do meio do silêncio de nosso pequeno grupo, ouviu-se a reclamação frustrada, numa vozinha de quatro anos de idade: "Mamãe, não consigo virar." Risadinhas vindas de outras barracas ao nosso redor, fizeram com que todos nós sentíssemos o calor humano causado pela inocência da verdade engraçada.

Quando as provações abafarem seu entusiasmo pela vida, procure a companhia calorosa de amigos e familiares.

Quando as provações abafarem seu entusiasmo pela vida, procure a companhia calorosa de amigos e familiares. Fique aberto ao senso de humor capaz de iluminar uma noite escura. Quando os amarilhos balouçarem em suas noites de inverno, invente atividades capazes de gravar lembranças felizes na memória de seus entes queridos. Escolha a alegria em lugar da tristeza. Deixe-se atrair pela felicidade. □

Mildred Barthel, escritora "free-lance", é regente de música e professora da Sociedade de Socorro no Ramo Mount Vernon, Estaca de Cedar Rapids Iowa.

"NÓS NÃO ESCOLHEMOS NOSSAS PROVAÇÕES, MAS CERTAMENTE TEMOS O LIVRE-ARBÍTRIO DE DETERMINAR NOSSA ATITUDE EM RELAÇÃO A ELAS."



Fotografia de Steven Bunderson

GUIA-ME PARA ONDE VAIS

Wayne Lynn

Algumas áreas de uma missão parecem simplesmente florescer quando certos missionários são para lá enviados, e isto acontece onde quer que eles se encontrem. O interesse dos membros aumenta, e todos parecem "captar o espírito". Em pouco tempo, o número de batismos aumenta.

O que é exatamente que esses missionários têm ou fazem, que provoca tal fenômeno? Acho que cheguei bem perto de descobrir a resposta ao receber a carta a seguir, enquanto servia como presidente da Missão Arizona Holbrook.

"Querido Irmão Lynn:

Há algum tempo estou para escrever-lhe, a fim de contar como os membros aqui de Durango são abençoados por terem a Irmã Brown e Irmã Poss trabalhando entre nós. Através de sua dedicação e exemplo, elas têm feito mais pela atitude dos membros em relação à obra missionária do que todos os sermões do mundo. Elas andam tão ocupadas ensinando as pessoas, que não têm tempo de vir jantar!

Nos cinco anos em que moramos aqui, Durango tem sido uma área quase morta, em relação ao trabalho missionário. Muitos élderes nos visitam em nossa casa para dizer-nos como esta área é difícil. Mas seja o que for que elas têm, essas irmãs inverteram completamente a situação. Elas estão sempre dizendo que são os membros, mas são essas duas irmãs especiais. Elas tocaram nosso coração e transformaram nossa vida, não estando sempre em nossas casas, mas trabalhando arduamente. Nós realmente aprendemos a amá-las.

Ontem foi seu dia de preparação, e elas usaram minha máquina de lavar roupa e minha secadora para lavar suas coisas. Enquanto estavam em nossa casa, prepararam um bolo para o jantar que meu marido e eu íamos oferecer a um amigo que não é da Igreja, e a quem falamos sobre o evangelho e presenteamos com um exemplar do Livro de Mórmon a noite passada. Foi a primeira vez na vida, que tive coragem de fazer isso. (Elas prepararam o bolo para mim porque estou numa cadeira de rodas e não podia fazê-lo.) Portanto, se elas me inspiram a envolver-me com a obra missionária, estão fazendo milagres.

Só queria que o Senhor soubesse como elas se esforçam para cumprir as regras e fazer as coisas corretamente. Ontem foi a segunda ou terceira vez que elas estiveram em nossa casa, durante os meses que estão aqui, portanto não me sinto assim pelo fato de elas freqüentarem a nossa casa. Elas amam os filhos do Pai Celestial. Sentimos isso quando nos dão as boas-vindas na Igreja, aos domingos. Sei que estão ensinando o evangelho com o puro amor de Cristo. É isso que faz a diferença. Esta manhã eu estava pensando que se todo missionário no campo, élder ou sister, trabalhasse como essas duas irmãs, a Igreja experimentaria um crescimento incrível.

Certamente tornei-me uma pessoa melhor por ter conhecido essas moças e visto sua dedicação. O senhor poderia conversar com qualquer pessoa das alas daqui, e ela lhe diria a mesma coisa. Gostaria de poder escrever aos pais delas para dizer-lhes o que sinto. Mas as irmãs não me deram o endereço, e assim não posso elogiá-las. Elas não se julgam especiais. Mas são, e desejamos que o senhor saiba que é isso que sentimos.

Sinceramente,

Roberta e Gene Shirley."

Tantos desafios da vida podem ser enfrentados e exercida suave persuasão indicando o caminho pelo nosso bom exemplo. Embora expressa de maneira negativa, esta idéia é transmitida por um velho ditado que diz: "Filho, você não pode levar ninguém para onde não está indo." Talvez não possamos, mas podemos guiar os outros para onde estamos indo, e, ao fazê-lo, trazer bênçãos eternas para nossa própria vida e para vidas alheias.

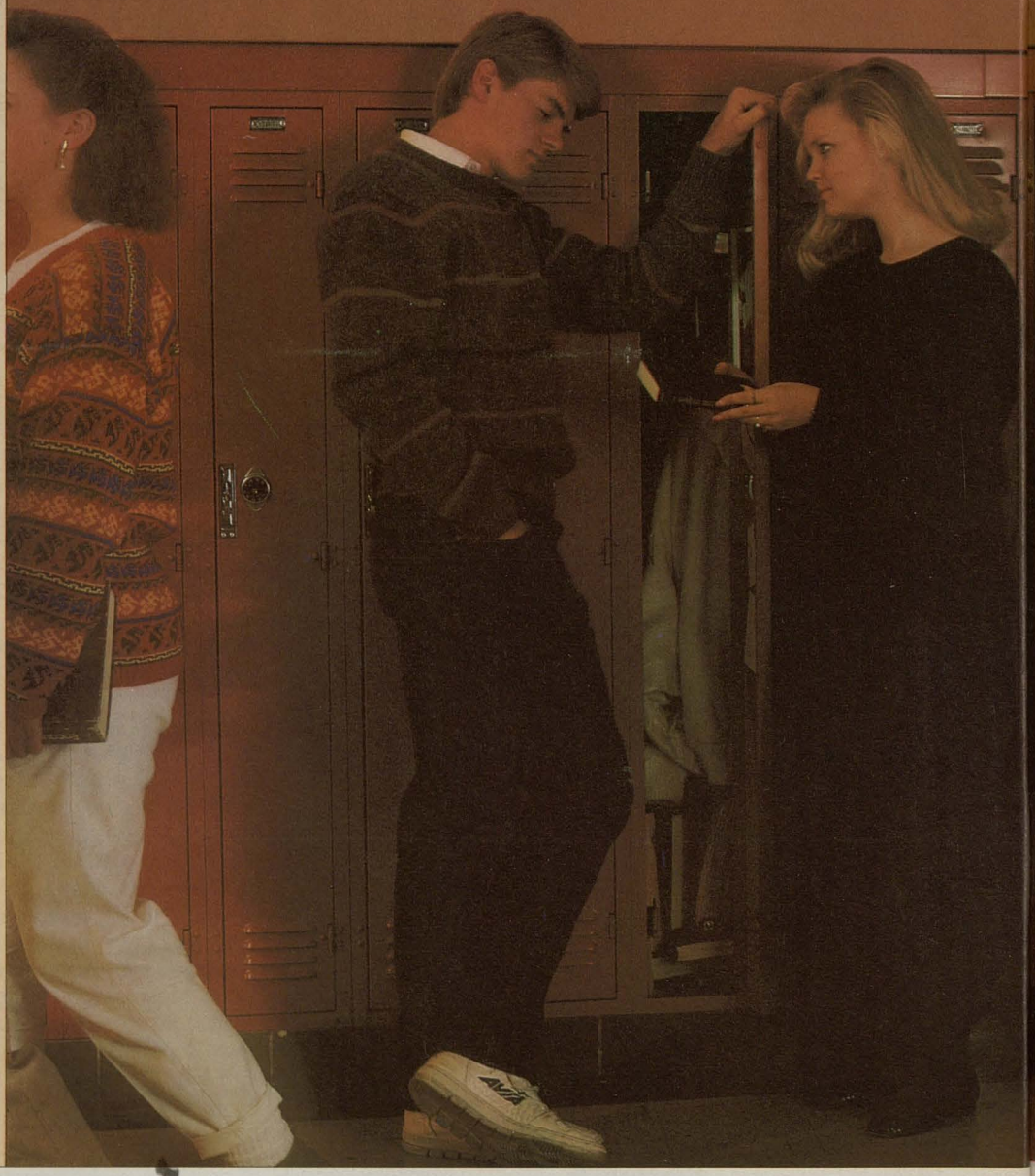
Foi o Mestre dos Mestres que, com seu exemplo perfeito, mostrou-nos o caminho com estas palavras simples: "Vinde após mim." (Ver Mateus 4:19.) □

Fotografia de Michael McConkie

Alguns missionários têm êxito onde quer que eles sirvam. O segredo é dar um bom exemplo.

Pintura, *Vem, e Segue-me*, de James T. Harwood

UMA OBR
MARAVIL



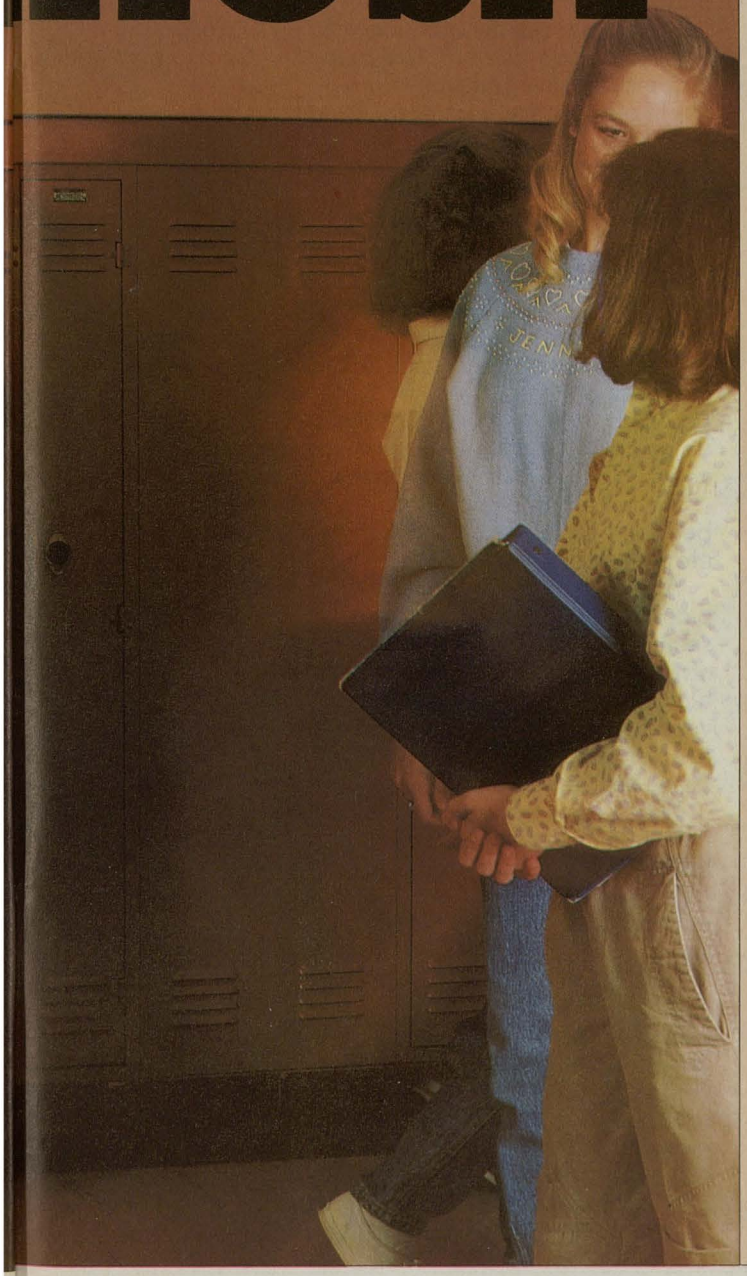
Na minha estante se encontra uma velha brochura de *Uma Obra Maravilhosa e Um Assombro*. Eu não a uso mais; foi substituída por uma edição de capa dura, maior. O único motivo pelo qual guardei o velho exemplar é seu valor sentimental. Foi-me dado há treze anos atrás, por alguém muito especial, e transformou minha vida.

Liz era mórmon, mas isso nunca me incomodou. Sentia-me atraído por sua integridade, sua felicidade esfuziante. Às vezes, eu brincava com ela a respeito de sua religião, e meus amigos caçoavam de mim por namorar uma "recatada mórmon", mas valia a pena. Eu gostava de Liz. Na verdade, eu estava ficando apaixonado por aquela bela mocinha mórmon.

Quando nos tornamos mais

A HOSA

Chris Crowe



"NÃO POSSO VER VOCÊ DE NOVO!" SOLUÇAVA AO ENTREGAR-ME UM LIVRO. NÃO PUDE COMPREENDER ENTÃO, QUE PRESENTE ESPECIAL ERA AQUELE LIVRO.

amigos, conversávamos sobre muitas coisas importantes para nós dois: família, amigos, religião. Eu era católico; ela era SUD. Muitos de nossos encontros terminaram em debates cordiais acerca da natureza de Deus, da vida após a morte e muitos outros tópicos religiosos. Eu era um pouco evasivo a respeito de religião. Não era um católico particularmente devoto, mas também não estava pronto para me tornar mórmon.

Quanto mais ficávamos juntos, mais Liz falava sobre sua religião. Quase todas as vezes que nos encontrávamos, ela trazia o mormonismo para nossa conversa. Explicava-me a existência pré-mortal, o Pai Celestial e os três níveis de céu. De nada me adiantava tentar desencorajar seu interesse pela Igreja. Se eu conseguia afastá-la da teoria religiosa, ela falava sobre a classe da Primária na qual lecionava, ou da maravilhosa professora da Escola Dominical que tinha.

Liz procurava constantemente envolver-me nas atividades da Igreja. Eu escapava. Recusava-me a pisar em terreno mórmon.

Certa vez convenceu-me a ir com ela a um serão. O Élder Paul H. Dunn era o orador, e embora eu não me lembre do que ele disse, lembro-me da reação de Liz. Ela chorou com o discurso dele.

— Ei, Liz — perguntei. — O que há? Fiz alguma coisa errada?

— Não, nada errado. — Enxugou as lágrimas e sorriu para mim. — É o espírito maravilhoso que senti, enquanto o Élder Dunn estava falando. Sua resposta intrigou-me. Não podia entender por que alguém iria chorar quando não havia nada errado.

O Templo de Arizona foi o único outro local mórmon que ela me fez visitar. Se eu lhe perguntava o que gostaria de fazer, quando saíamos, ela sempre respondia: — Vamos visitar o templo. Gosto muito de lá.

Eu cedia, e fomos lá algumas vezes. Geralmente

Fotografia de Scott Tanner

apenas passeávamos pelos jardins e admirávamos os belos canteiros, mas depois de nossa terceira visita, ela me convenceu a entrar no centro de visitantes.

Lá dentro, vimos vários filmes e encontramos muita gente amigável. Após os filmes e as apresentações, fizemos uma visita pelo centro, com um guia. Ao final da visita, nosso guia prestou seu testemunho das coisas que víramos naquela noite. Liz chorou.

Depois dessa experiência, o templo tornou-se um de seus tópicos favoritos. — Chris, o templo não é um belo lugar? É aí que me casarei algum dia. Prometi isso a mim mesma.

— Acho que não me importaria de casar aí, também — disse eu. — Na verdade não é diferente de uma catedral.

— Mas é diferente. Quando duas pessoas se casam no templo, casam-se para a eternidade.

— Comigo está tudo bem. Sempre acreditei que o amor verdadeiro dura para sempre.

Liz ficou muito séria. — Você não entende. Somente membros ativos da Igreja têm permissão de entrar no templo. Você não poderia entrar. Explicou-me novamente que quando chegasse a sua hora, casar-se-ia no templo. Nenhum outro lugar seria aceitável para ela.

— Mas se você realmente amar um rapaz que não seja mórmon? — perguntei. — Se você *realmente* ama alguém, não deveria fazer diferença o lugar onde você se casa. Tudo que importa é que vocês estão juntos e estão apaixonados.

— Se duas pessoas *realmente* se amam — respondeu ela balançando a cabeça — jamais se contentarão com um relacionamento que não seja eterno. — Fez uma pausa e olhou-me nos olhos. — Eu não me contentaria.

O tempo foi passando. Liz continuava afirmando que jamais casaria fora do templo. Eu respondia que, no verdadeiro amor, a cerimônia não era importante. O amor era eterno independente do tipo de casamento.

Quanto mais discutíamos o assunto, mais ela falava sobre o templo e sobre como era especial. Eu estava confuso. Era óbvio que nos estávamos apaixonando, mas Liz não mudava de idéia em relação ao casamento no templo. Sentia-me confiante de que se nosso amor amadurecesse, ela acabaria cedendo e concordando em se casar em qualquer lugar. Eu estava errado.

Uma tarde, Liz veio encontrar-me. Seus olhos estavam vermelhos de chorar, e a voz cheia de emoção. — Chris, decidi que não nos veremos mais. Não podemos mais sair juntos, nunca mais.

Suas palavras me atordoaram. — O que você está querendo dizer? Olhe, não me importo com o que seus pais pensam.

Ela olhou para mim com lágrimas correndo pelo rosto. — Não são meus pais, sou eu. Não posso mais sair com você. Não quero me apaixonar por você.

— Liz, você está nervosa. Por que não conversamos sobre isto como sempre fizemos antes? Logo você estará mais calma.

Ela se afastou de mim. — Não, já me dicidi — soluçou. — Não posso ver você de novo! Deu-me uma brochura preta brilhante, e saiu correndo.

O que é que a tornava tão teimosa a respeito de casar-se no templo? Por que ela não podia ceder? O que a tornava tão especial?

Várias semanas após nosso rompimento, peguei o pequeno livro de capa preta. Talvez ele respondesse algumas de minhas perguntas.

Abri *Uma Obra Maravilhosa e Um Assombro*, e corri algumas páginas, apressadamente. Uma seção a respeito da história de Joseph Smith atraiu minha atenção. Li-a atentamente. Ao ler a história da visão de Joseph Smith, senti que era verdadeira. Também senti que se a história dele era verdadeira, então a igreja que ele fundou devia ser verdadeira.

Pouco mais tarde concordei em ouvir as palestras missionárias, e rapidamente adquiri um testemunho dos princípios do evangelho. Após as palestras, sabia que deveria ser batizado, e após muito jejum, oração e meditação, aceitei o batismo. Liz estava lá. Ela chorou.

Pouco mais de um ano após o meu batismo, Liz e eu voltamos a visitar o templo, desta vez para sermos casados para o templo e toda a eternidade. Isso foi há treze anos atrás. Hoje, e todos os dias vejo minha família crescer e se desenvolver, com gratidão pelo testemunho firme da linda mocinha mórmon. Sou grato por ela ter tido coragem suficiente para recusar-se a ceder numa questão que significava a felicidade eterna para ela e, eventualmente, para mim também. □

CRIANÇAS NA GRÃ BRETANHA

150º ANIVERSÁRIO DA MISSÃO BRITÂNICA

SEÇÃO INFANTIL

Ilustração de Shauna Mooney

DE UM AMIGO PARA O OUTRO

CHARLES DIDIER

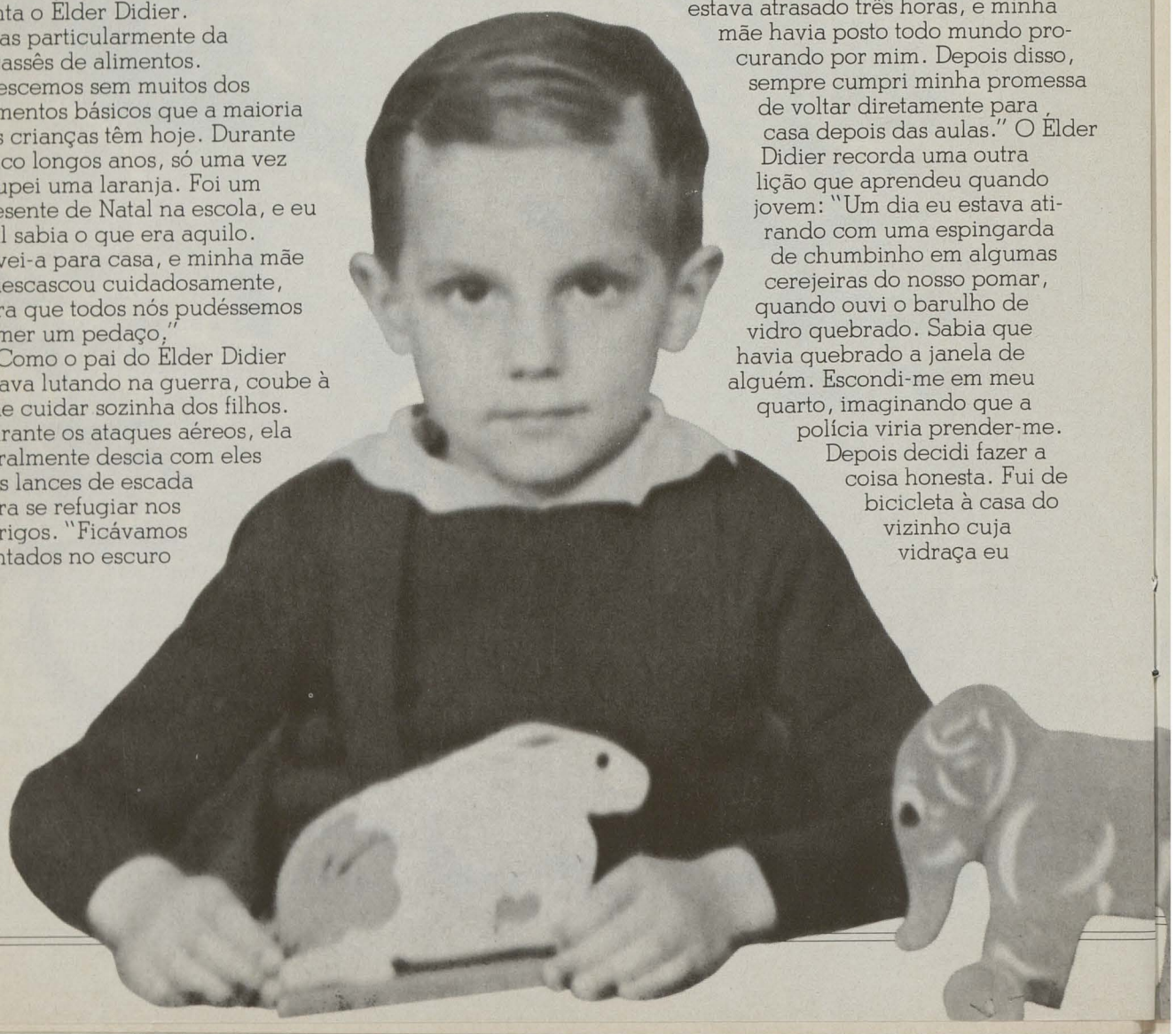
De uma entrevista pessoal de Richard M. Romney com o Élder Charles Didier, do Primeiro Quorum dos Setenta.

Como o mais velho de quatro filhos, o Élder Charles Didier criou-se em Bruxelas, Bélgica, durante a II Guerra Mundial. Suas experiências de infância ensinaram-lhe a respeito da gratidão e honestidade.

"Lembro-me dos bombardeios, e lembro-me dos soldados ocupando nosso país", conta o Élder Didier. "Mas particularmente da escassês de alimentos. Crescemos sem muitos dos alimentos básicos que a maioria das crianças têm hoje. Durante cinco longos anos, só uma vez chupei uma laranja. Foi um presente de Natal na escola, e eu mal sabia o que era aquilo. Levei-a para casa, e minha mãe a descascou cuidadosamente, para que todos nós pudéssemos comer um pedaço."

Como o pai do Élder Didier estava lutando na guerra, coube à mãe cuidar sozinha dos filhos. Durante os ataques aéreos, ela geralmente descia com eles três lances de escada para se refugiar nos abrigos. "Ficávamos sentados no escuro durante horas, ouvindo as explosões lá fora", diz o Élder Didier.

"Um dia estávamos na escola quando um grande avião foi atingido. Vimos os soldados saltando, seus paraquedas se abrindo. O avião caiu perto da escola e destruiu duas ou três casas. Depois da aula, alguns de nós fomos ao local da queda e ficamos olhando o incêndio. Do que mais me lembro, entretanto, é de minha avó indo buscar-me e me agarrando pelo pescoço. Eu estava atrasado três horas, e minha mãe havia posto todo mundo procurando por mim. Depois disso, sempre cumpri minha promessa de voltar diretamente para casa depois das aulas." O Élder Didier recorda uma outra lição que aprendeu quando jovem: "Um dia eu estava atirando com uma espingarda de chumbinho em algumas cerejeiras do nosso pomar, quando ouvi o barulho de vidro quebrado. Sabia que havia quebrado a janela de alguém. Escondi-me em meu quarto, imaginando que a polícia viria prender-me. Depois decidi fazer a coisa honesta. Fui de bicicleta à casa do vizinho cuja vidraça eu



quebrara e toquei a campainha. Um homem veio atender. Eu lhe disse: — Vim ver se, por acaso, sua janela está quebrada. Se estiver, eu sinto muito, pois fui eu que quebrei. Foi sem querer.

O homem respondeu: — Bem, na verdade, meu rapaz, minha vidraça foi quebrada. E, para minha surpresa, acrescentou: — Admiro sua coragem de vir dizer-me. Poucos fariam isso. Estou orgulhoso de você. O fato de ter vindo contar-me é suficiente. Eu mesmo consertarei a janela. Então apertou minha mão!

Foi uma experiência da qual jamais me esquecerei, porque aprendi que é sempre melhor ser honesto, mesmo que esteja com medo."

Finalmente a guerra terminou e a família mudou-se para Namur. "Foi lá que tivemos nossa primeira casa. Ficamos tão contentes! Foi a primeira vez na minha vida que pude olhar pela janela e ver um jardim. Hoje, quando vou lá em visita, vejo que era uma casa muito modesta. Mas, na época, pareceu-nos um castelo."

O Élder Didier tinha então dezesseis anos, e brincava muito no jardim com sua irmã de doze anos e seus dois irmãos mais moços. "Aquele era nosso lugar predileto. Morávamos numa colina, e podíamos ver as pessoas descendo e subindo a rua.

Certo dia vimos dois jovens americanos empurrando suas bicicletas ladeira acima. À tarde eles passaram novamente, ladeira abaixo. Isto continuou por muito tempo. Todas as manhãs eles empurravam as bicicletas para cima, e todas as tardes desciam pedalando. Não podíamos imaginar o que eles andavam fazendo. Ficamos tão curiosos que, quando finalmente eles vieram a nossa casa, nós quatro corremos para a porta, gritando: — Deixe que entrem. Queremos saber o que eles estão fazendo!"

Essa foi a primeira de muitas visitas dos missionários.

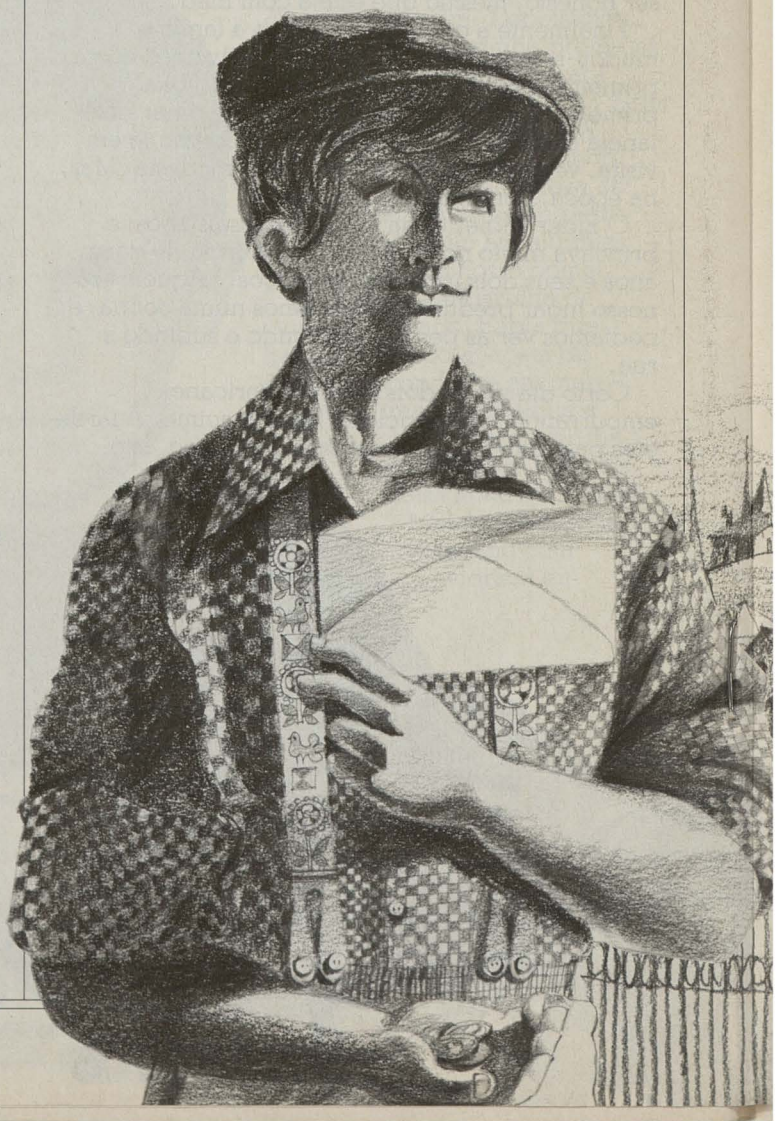
"Minha mãe adquiriu logo um testemunho do evangelho e, dentro de seis meses, tornou-se membro da Igreja. Ela sabia que aquilo estava certo, e convencera-se de que era a nossa salvação. Mas meu pai não nos deixou ser batizados até ficarmos mais velhos, e precisamos esperar, embora ele nos permitisse ir a todas as reuniões.

Eu diria que, pouco a pouco, os princípios do evangelho penetraram em nossa mente e nosso coração. Eu jamais fumei. Jamais bebi. Amava a verdade e amava os missionários. Eles eram os melhores amigos que tínhamos." Finalmente todos os irmãos da família Didier se tornaram membros da Igreja.

"Minha mensagem a todos os rapazes e moças da Igreja é: Criem um ambiente espiritual em sua casa. Peçam a seus pais que leiam as escrituras com vocês, que orem com vocês, que vão à Igreja com vocês. Contem-lhes suas experiências espirituais. Estejam sempre dispostos a ouvir e seguir os conselhos de pais justos. Eles são instrumentos nas mãos do Senhor para levá-los de volta à sua presença." □

DIRK E A BOLA DE FUTEBOL

Leo D. Hall



Dirk atravessou a rua de paralelepípedos. Apenas mais dez *vranken* (moeda corrente na Bélgica) e terei o suficiente. Virou a esquina da Kerkstraat e observou a fileira de casas e as cercas de ferro pretas que cercavam os pequenos jardins. As casas com terraço eram típicas de muitas outras residências belgas. Tinham três ou quatro andares, todas geminadas, formando um longo edifício.

Dirk abriu o portão da casa número 27 e tocou a campainha. No ano anterior, precisava ficar na ponta dos pés para alcançá-la. Mas agora que tinha crescido um pouco, podia tocá-la com facilidade.

A campainha tocou suavemente dentro da casa. Uma janela se abriu no alto e uma mulher de idade falou: "Oh, boa tarde, Dirk. *Kom binnen* (entre)."

"Boa tarde, Sra. Peeters," respondeu ele, quando chegou ao terceiro andar. Ela lhe entregou uma lista de compras e algum dinheiro.

Dirk fazia muitas tarefas para a Sra. Peeters, indo ao *groentemarkt* (quitanda), à *bakkerij* (padaria) e a muitas outras lojas. Toda semana ela lhe dava cinco *vranken*. Enquanto realizava essas tarefas, Dirk muitas vezes passava por sua loja predileta, uma loja de artigos esportivos, onde parava para olhar intensamente a vitrine.

A bola de futebol branca e brilhante, ainda estava lá — aquela para a qual vinha economizando o ano inteiro. O inverno logo chegaria à cidade no norte da Bélgica, onde ele morava, mas isso não o impediria de praticar seu esporte favorito. Toda vez que passava pela loja, ficava com medo de olhar e não ver mais a bola.

Depois do trabalho de hoje precisarei de apenas mais cinco *vranken*, pensou.

Dirk entregou as batatas e a couve-flor à Sra. Peeters. Olhando para a moeda na sua mão, imaginou-se chutando bola de futebol em direção ao gol.

Correu para casa a fim de contar o dinheiro. Lá estavam duzentos *vranken*. "Esperar até a próxima semana para pagar o dízimo não fará muita diferença", disse a si mesmo. Desceu correndo as escadas e saiu pela porta da frente. A bola de futebol logo seria sua!

Mas enquanto corria, lembrou-se do cuidado que a mãe e o pai tinham, de pagar seu dízimo assim que recebiam algum dinheiro. "Nós sempre nos arranjamos", dizia a mãe com freqüência. E papai era sincero quando afirmava: "Temos sido abençoados de muitas formas, e nos sentimos bem quando fazemos o que o Senhor nos ordena. Somos gratos por podermos contribuir com nossa parte para ajudar na obra do Senhor.

Dirk parou. A loja de artigos esportivos ficava na virada da esquina. Em sua imaginação a bola de futebol já lhe pertencia. Mas um sentimento ainda mais forte do que seu desejo de ter a bola, fez com que se virasse rapidamente e corresse para casa. Contou o dízimo que devia e colocou-o num envelope para entregá-lo ao presidente do ramo no domingo seguinte.

Dias mais tarde, o trabalho para a Sra. Peeters

levou Dirk numa direção diferente, e ele não passou pela loja de esportes. No dia seguinte, quando foi à casa da Sra. Peeters, ela disse:
— Hoje preciso de mais batatas, Dirk. Você pode ir buscá-las para mim?

Dirk disse que podia e correu para a quitanda.

O Sr. Vandecasteele embrulhou um quilo de batatas numa folha de jornal. — Você já tem o dinheiro suficiente para sua bola de futebol? — perguntou.

— Amanhã — respondeu Dirk com um sorriso — terei os cinco *vranken* de que necessito.

Na volta parou para olhar novamente a vitrine da loja.

A bola desaparecera!

Tinha os olhos marejados de lágrimas quando se afastou da loja desapontado.

Quando chegou à casa da Sra. Peeters, ela disse: — Oh, Dirk, esqueci de dizer-lhe que preciso de três grapefruits. Você poderia voltar à quitanda para mim? Eu lhe pagarei hoje em vez de amanhã.

Dirk pegou os cinco *vranken* e começou a descer as escadas. De que me serve o dinheiro agora? A bola de futebol não está mais lá, pensou, voltando vagarosamente à quitanda.

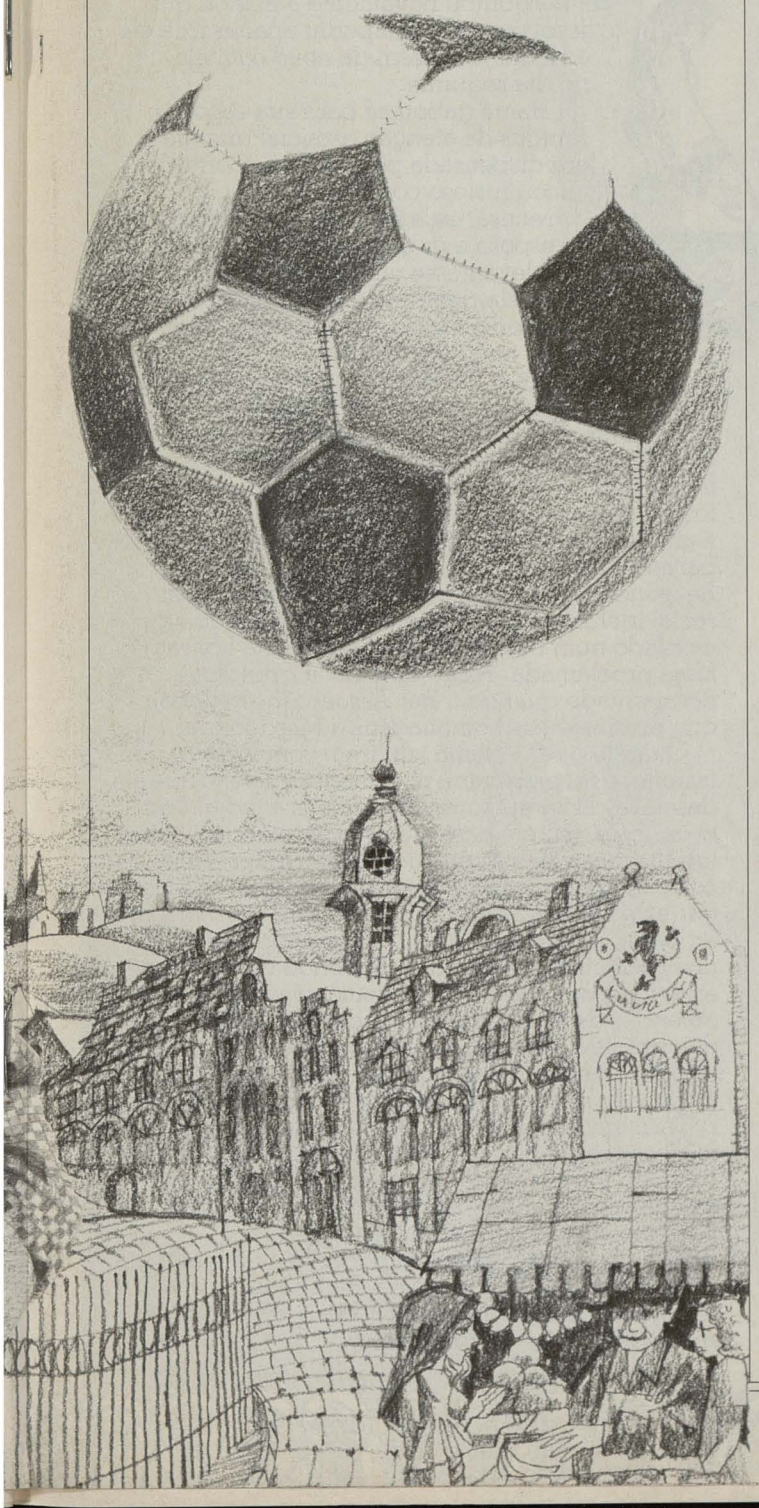
Quando se aproximou da loja de esportes, começou a andar mais rapidamente. Ia virar a cabeça na direção oposta mas algo atraiu sua atenção. Lá estava uma outra bola de futebol melhor do que qualquer uma que já vira em sua vida. E o preço não era muito maior que o da bola para a qual estivera economizando. Logo teria dinheiro suficiente para comprá-la.

Ficou feliz por ter pago seu dízimo em lugar de comprar a outra bola. Mas, melhor do que tudo, era gostoso sentir-se bem.

Dirk correu tanto pela Kerstraat que estava sem fôlego quando entregou os grapefruits à Sra. Peeters. — Ainda bem que eu esperei! — disse meio de si para si.

— O quê? — perguntou a senhora, com uma interrogação nos olhos.

— Sinto-me muito bem, como o papai falou — explicou-lhe Dirk. E desceu a escada, muito feliz. □



A CORAJOSA RAINHA

E ☆ S ☆ T ☆ E ☆ R

Jane McBride Choate

Ester, uma jovem judia, morava em casa de seu primo, Mardoqueu, e sua família. Mardoqueu era guarda do portão em Susã, o palácio do Rei Assuero da Pérsia, que viveu cerca de quinhentos anos antes do nascimento de Jesus.

Quando o rei desejou escolher uma nova rainha, as mais belas jovens do reino lhe foram apresentadas, inclusive Ester. Assuero apaixonou-se profundamente por Ester e coroou-a como sua rainha.

Certo dia, enquanto guardava a porta do palácio, Mardoqueu ouviu dois servos infiéis planejando assassinar o rei. Ele contou a Ester, que rapidamente informou o rei. Os homens foram presos, julgados e enforcados.

Embora Mardoqueu servisse o rei com lealdade, recusou-se a obedecer à lei de que todos os servos do rei deveriam curvar-se diante de Hamã, conselheiro do rei. Hamã ficou furioso. Descobrindo que Mardoqueu era judeu, Hamã planejou punir todos os judeus da terra. Contou mentiras ao rei sobre os judeus, e, astutamente, pediu permissão ao rei para que todos fossem mortos. Como confiava em Hamã, o Rei Assuero concordou com o plano.

Quando os judeus souberam do plano para matá-los, começaram a jejuar e orar ao Senhor. Mardoque contou às servas da Rainha Ester a trama de Hamã e deu-lhes uma cópia da proclamação do rei, ordenando a morte dos judeus. Pediu que a prima suplicasse ao rei que não destruísse seu povo.

Ester mandou dizer a Mardoqueu, que se aparecesse diante do rei sem ser chamada, isso poderia significar sua morte, e ela tinha medo. Quando Mardoqueu recebeu o recado, mandou dizer-lhe que, sendo judia, seria morta de qualquer forma. Disse também que ela era uma rainha, e portanto poderia salvar seu povo. Ester e Mardoqueu, junto com outros judeus de Susã, jejuaram durante três dias. Depois disso, Ester prometeu ao povo: "E assim irei ter com o rei, ainda que não é segundo a lei; e, perecendo, pereço."

Ester vestiu-se com lindas roupas e entrou no pátio interior do palácio. Postou-se diante do Rei Assuero e esperou. Se ele ficasse feliz em vê-la, levantaria seu cetro dourado e ela não seria morta.

O Rei Assuero fez sinal para que Ester se aproximasse. Depois que ela tocou o cetro, ele perguntou: "Qual é a tua petição? E se te dará. E qual é o teu requerimento? E se fará, ainda até metade do reino."

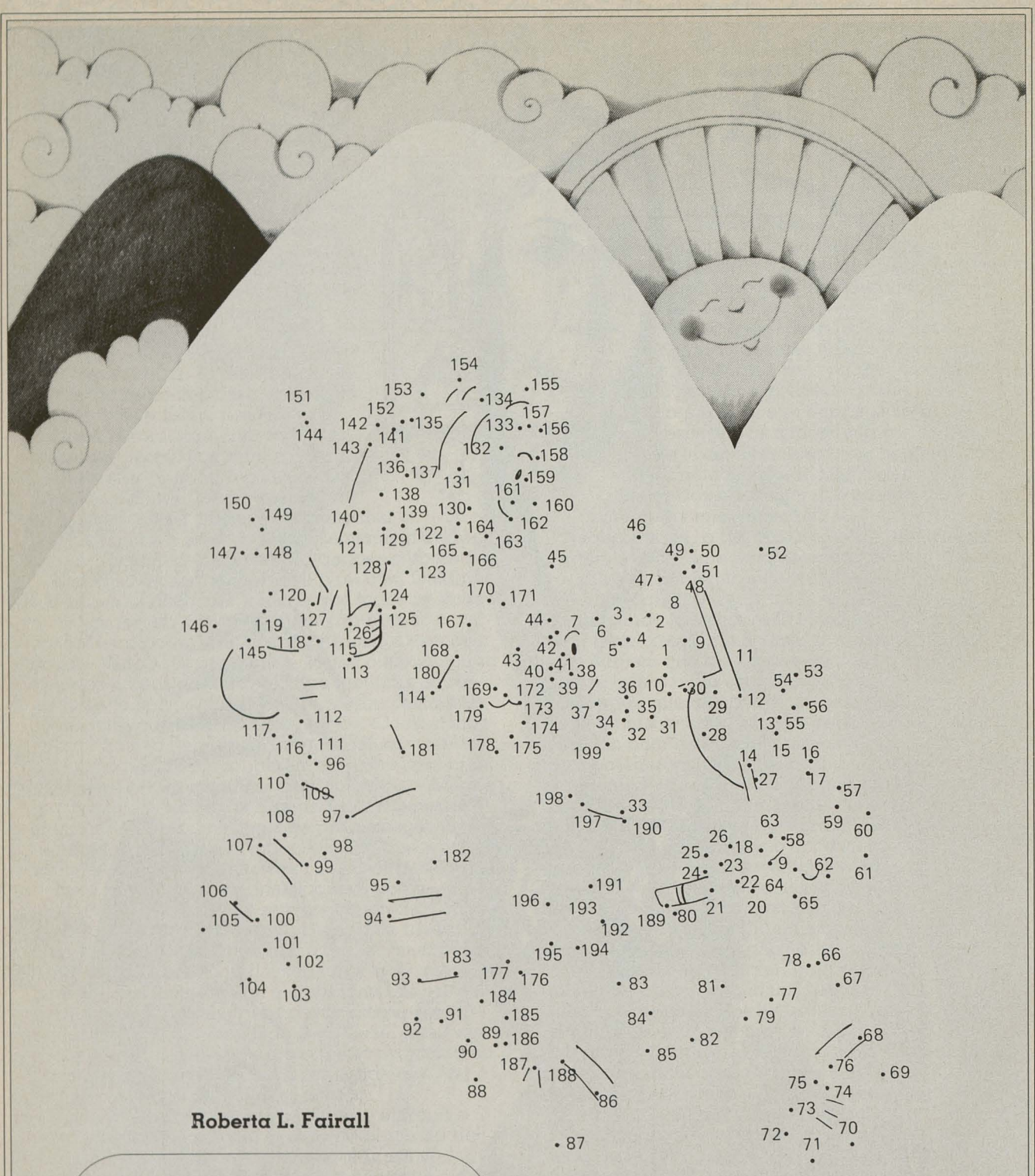
Ester solicitou que ele e Hamã fossem jantar com ela. Enquanto estavam no banquete, o rei perguntou novamente a Ester o que desejava dele. Ela pediu apenas que ele e Hamã jantassem de novo com ela no dia seguinte.

Hamã gabou-se para sua esposa e amigos da atenção especial que lhe fora dispensada pela rainha. Contudo, ficou furioso com Mardoqueu, por recusar-se a se curvar diante dele. A esposa e os amigos sugeriram que ele levantasse uma forca bem alta para nela pendurar Mardoqueu. Hamã concordou e fez com que a forca fosse construída imediatamente.

Naquela noite, o Rei Assuero não conseguiu dormir, e pediu que lhe fossem trazidos os registros diários. Enquanto os examinava, descobriu que Mardoqueu lhe salvara a vida. No dia seguinte, desejando recompensar Mardoqueu, perguntou a Hamã o que ele achava que deveria ser dado a um homem que merecesse grandes honras. Hamã pensou que o rei se estivesse referindo a ele. Respondeu que tal homem deveria usar roupas reais, inclusive uma coroa, e percorrer a cidade montado num belo cavalo enquanto sua honra fosse proclamada. Mas Hamã ficou grandemente desapontado quando o Rei Assuero lhe ordenou que prestasse tais homenagens a Mardoqueu!

Quando o rei e Hamã jantaram com Ester naquela noite, o rei perguntou novamente a Ester o que ela desejava. Ester então revelou que era judia. Lembrou-lhe o decreto para matar todo seu povo, e contou-lhe como Hamã conspirara contra eles. Acusar o conselheiro do rei exigiu uma grande coragem por parte de Ester, mas ela não hesitou. De acordo com a lei persa, as ordens do rei, uma vez proclamadas, não podiam ser revogadas. Sabendo disto, Ester solicitou que os judeus tivessem permissão de se defender de seus inimigos no dia que Hamã determinara para sua matança. O rei concedeu o pedido e também ordenou que Hamã fosse enforcado na forca que levantara para Mardoqueu.

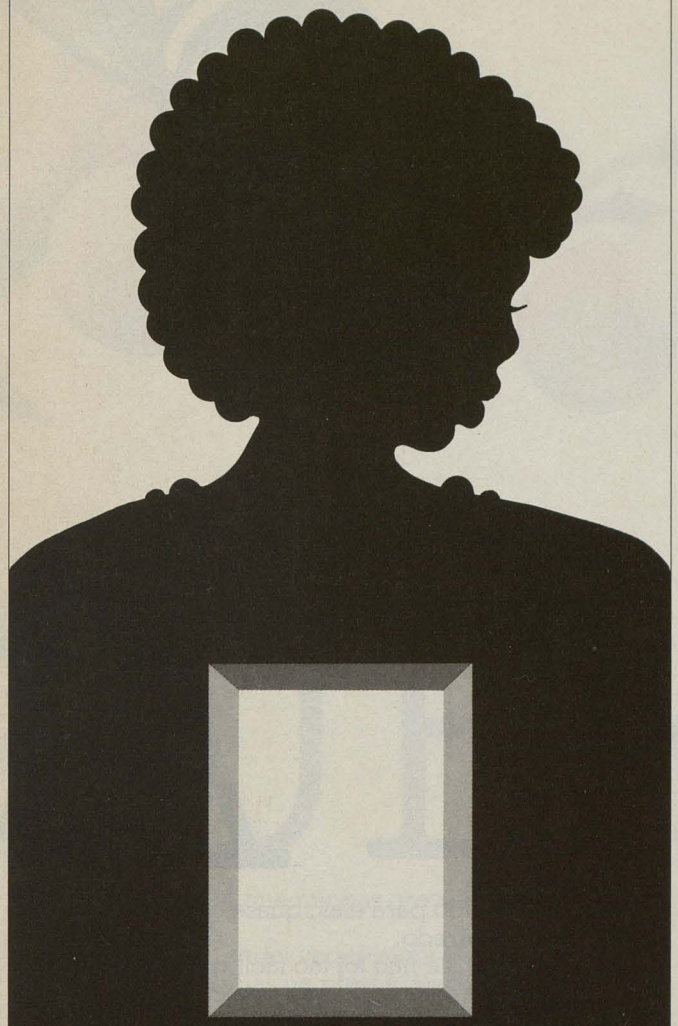
Terminada a luta, houve uma festa especial para celebrar essa libertação dos judeus. Chamada a Festa do Purim, passou a ser observada como comemoração anual das bênçãos recebidas do Senhor naquela ocasião. Mardoqueu foi designado a pessoa mais importante e de maior poder depois do rei, e ele e a Rainha Ester receberam homenagens dos judeus por salvarem seu povo. (Ver o Livro de Ester.) □



Roberta L. Fairall

LIGUE OS PONTOS

EU TIVE DE PREENCHER O VAZIO DEIXADO PELO SOFRIMENTO.

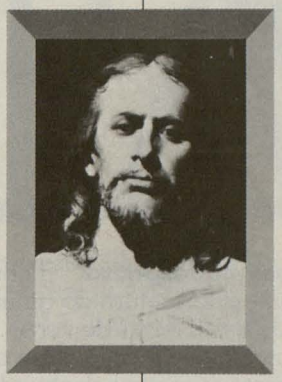


"ESCOLHEI HOJE."

Barbara Jacob

Caminhei para a escola sozinha como de costume, pensando em meu pai, que fora preso, e em minha mãe, que não tinha idéia do que faríamos para sobreviver. Como tantas vezes antes, contudo, vieram-me à mente as perguntas "Por quê? Por que eu?".

Naquele mesmo dia, mais tarde, eu assistia à aula do seminário quando meu professor leu em voz alta uma das escrituras que deveríamos aprender naquele ano. Era tirada do livro de Josué: "Escolhei hoje a quem sirvais... porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor." (Josué 24:15.) Foi como se alguém tivesse falado, diretamente a mim: "É hora de você escolher a quem vai servir, Barbara."



Ora! Eu nunca pensara naquela escritura dessa forma. Minha vida, até aquele ponto, havia sido difícil. Bem, eu ia à igreja quando desejava. Gostava das aulas da Primária, Escola Dominical e Organização das Moças, mas estava faltando alguma coisa. Finalmente descobri aquilo que faltava, numa pequena classe do seminário, num dia comum. O que estava faltando, era um compromisso pessoal com o Senhor. Fico imaginando o que poderia ter acontecido se eu estivesse dormindo, cabulando a aula, ou fazendo qualquer outra coisa, em lugar de estar ouvindo um professor muito especial e o Espírito, naquele dia.

Como me fez bem saber que alguém se importava. Meu Pai Celestial e Jesus queriam que eu escolhesse a quem serviria, para que continuasse minha vida e fosse feliz. Um cálido sentimento tomou conta de mim.

Desde aquele dia, tenho procurado servir ao Senhor em pensamento e ação. Nem sempre é fácil, mas eu sei com toda a certeza que um Pai Celestial amoroso, e Jesus Cristo, me ajudarão, se eu lhes pedir. □

Ilustração de Ron Peterson

AG

Janene Wolsey Baadsgaard. Pensei que a manhã seguinte à formatura do ginásio fosse o início de umas belas férias de verão. Planejara passeios de bicicleta até o rio, bem cedinho, longas conversas com minhas amigas, e tardes gostosas, lendo na macieira. Ao invés disso, aquela manhã foi o início de um pesadelo.

Ao olhar-me no espelho aquela manhã, vi pequenas bolhas se formando no meu pescoço. Imediatamente soube o que aquilo significava. A catapora estivera varrendo minha escola durante meses. Achei que era uma das felizardas que não havia apanhado a doença. Minha mãe confinou-me ao quarto, esperando que eu não espalhasse a doença entre meus irmãos e irmãs mais novos.

O primeiro dia não foi muito ruim. Minha mãe levou-me as refeições no quarto, e meus irmãos e irmãs escreveram-me pequenos bilhetes amorosos, que puseram debaixo da porta.

Da minha cama, enxergava a ameixeira do lado de fora da janela. Era início de junho, e centenas de ameixinhas verdes despontavam pouco a pouco. Olhando para elas, quase conseguia sentir seu gostinho azedo.

O segundo dia não foi tão fácil quanto o primeiro. Grandes bolhas começaram a formar-se por todo meu rosto e couro cabeludo. Com o passar dos dias, as bolhas começaram a descer vagarosamente por todo o corpo, até as pontas dos dedos das mãos e dos pés ficarem cobertos. Carinhosamente, mamãe me preparava banhos de bicarbonato de sódio e me dava remédio na boca. Uma visita ao médico foi de pouca valia. "Ela é o pior caso que já vi", disse ele.

Dias mais tarde, a dor, a coceira e o medo de cicatrizes no rosto haviam chegado ao clímax. As bolhas na garganta dificultavam-me a ingestão de alimentos. Achei que não conseguiria agüentar aquilo por mais tempo. Pedi socorro a mamãe. "Não sei mais o que fazer", disse ela.

Pus-me a orar, pedindo alívio.

Naquela noite houve um forte vendaval. Ouvi o barulho do vento a noite toda, e não conseguia dormir. Quando amanheceu, senti-me ainda pior,

L.D.S. CHURCH
TRANSLATION DIVISION
LIBRARY

GÜENTAI

e muito só. Achei que minhas orações não haviam sido respondidas.

Desesperada, andei vagarosamente até a janela do quarto. As bolhas na planta dos pés dificultavam meus passos. Abri as cortinas e olhei para fora. Através das lágrimas, notei que o vento havia arrancado a maioria das ameixinhas verdes da árvore. Somente algumas ameixas solitárias continuavam agarradas firmemente aos ramos da árvore. Somente elas continuariam a crescer e a amadurecer, vivendo até a colheita.

De repente percebi que, às vezes, a única coisa que podemos fazer é agüentar. A capacidade de simplesmente agüentar fez toda a diferença entre as frutas caídas e as que sobreviveram ao vendaval.

Comecei a buscar novas palavras para orar. Agora, em vez de orar ao meu Pai Celestial para afastar a dor e me curar, pus-me a pedir que me desse forças para agüentar. Percebi que podia receber forças que iam além de mim mesma, além de meus pais, além dos médicos, além deste mundo. Não precisava sofrer sozinha. Quando comecei a orar dessa nova forma, minha dor não desapareceu, mas a capacidade de suportá-la aumentou.

Semanas mais tarde, quando estava quase boa, fui até a ameixeira. A suave brisa da tarde fazia as folhas verdes tremerem à última luz do sol. Observei que as pequenas ameixas que o vento arrancara da árvore algumas semanas atrás, estavam amarelas, duras e enrugadas, quase desaparecendo na grama. Mas as ameixas que ficaram agarradas à árvore haviam crescido. Sua casca firme, de um verde brilhante, estava começando a refletir a mesma luz suave do pôr do sol.

Agora, quando outras tempestades tornam as noites escuras de minha vida difíceis de suportar, lembro-me da dor e da árvore, dos frutos e da colheita. E então recordo as palavras da oração que proferi sozinha, no meu quarto, há muito tempo atrás: "Querido Pai, ajuda-me a agüentar." □

L.D.S. CHURCH
TRANSLATION DIVISION
LIBRARY
DEC 02 1987